

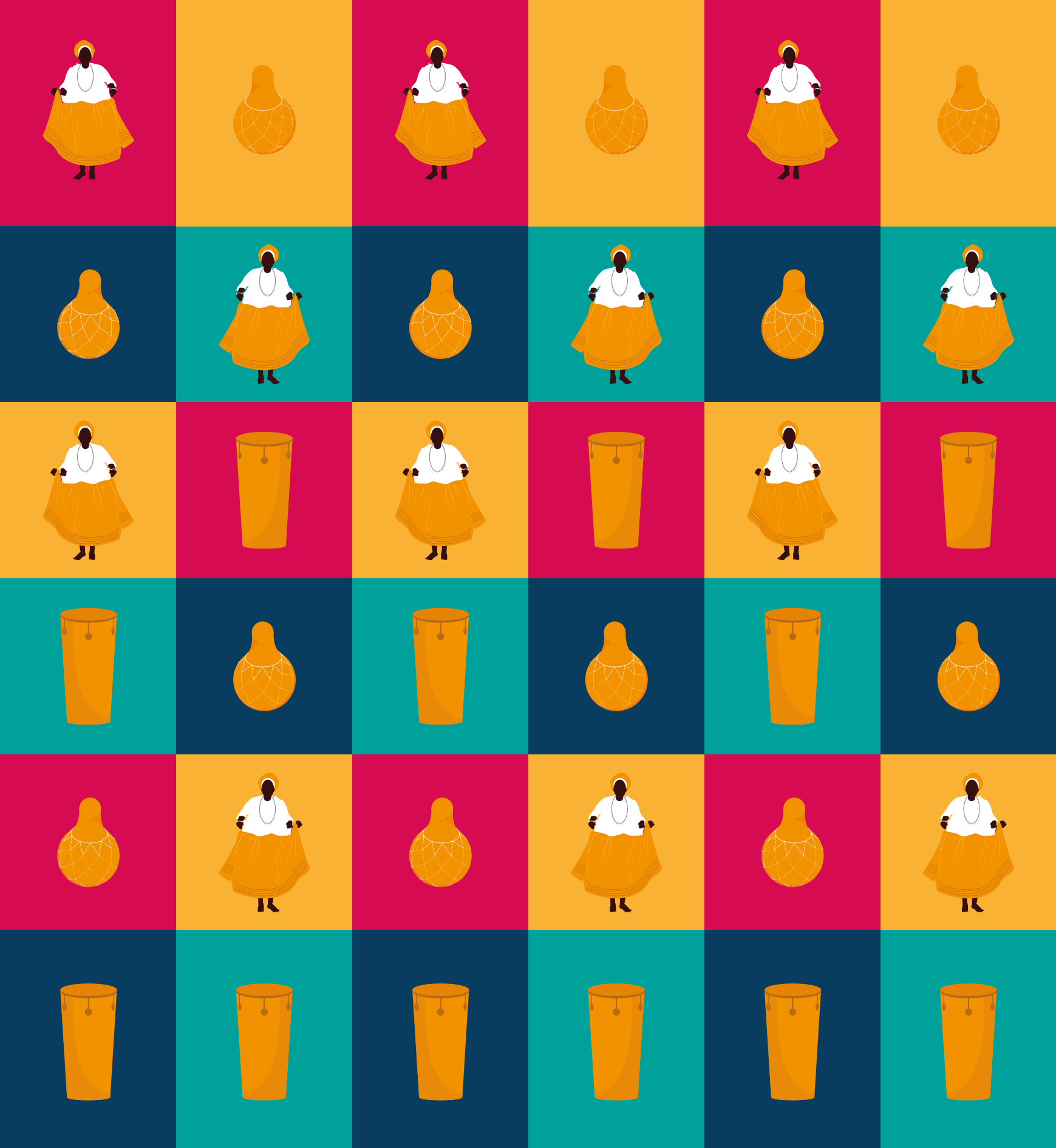


29ª Edição

PRÊMIO RODRIGO

Melo Franco de Andrade

Samba de Roda



Créditos

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Cultura

Marcelo Calero

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Kátia Bogéa

Diretor do Departamento de Articulação e Fomento

Marcelo Brito

Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização

Andrey Rosenthal Schlee

Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial

Hermano Queiroz

Diretor do Departamento de Planejamento e Administração

Marcos José Silva Rego

Diretor do PAC Cidades Históricas

Robson Antônio de Almeida

Assessoria de Comunicação da Presidência do Iphan

Fernanda Pereira

Organização Geral do PRMFA

Luciana Cunha e Isabella Atayde Henrique

Apoio: Mayara Subtil e Jacqueline Barrete

Revista da 29ª edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade

Edição

Adélia Soares

Redação

Elza Pires de Campos

Colaboração - Redação

Ananda Rope

Bárbara Farias

Carmen Lustosa

Íris Santos

Mécia Menescal

Projeto gráfico, diagramação e ilustração

Vitor Corrêa

Fotografias

Acervo Iphan

Adenildes Leal - Ascomat

Arquivo do Projeto Pescando Memórias

Andressa Machado

Marcel Avila

Marina Thomé

Paula Torrecilha

Pierre Verger

Rafa Marin

Revisão

Adélia Soares

Isabella Atayde Henrique

Mécia Menescal

IPHAN **80** ANOS 1937 2017

MINISTÉRIO DA
CULTURA



No resgate do passado, o presente e o futuro

A 29ª Edição do **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade** antecede dois acontecimentos de importância crucial para a preservação da cultura em nosso país: em 2017, o Prêmio completa três décadas de existência e, ao mesmo tempo, o Iphan comemora seus 80 anos. São oito décadas que acumulam um autêntico inventário do nosso Patrimônio Cultural. Enfim, nossa cultura, nossos bens de raiz. Isso reforça ainda mais a importância deste momento. Por isso a grande alegria de trazer nesta revista mais uma coleção de iniciativas de alto valor, não só por sua singularidade, mas também por seus saberes ancestrais.

O **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade**, em todos esses anos, dialogou com personagens escondidos e quase apagados. Este ano, foi buscar em povoados minúsculos o rodópio colorido dos sambas de roda, nossa principal homenagem nesta revista. Sim, porque, assim como o samba gira no sentido horário das saias, esta edição pode ser lida nos dois sentidos. Literalmente. As categorias da premiação estão dispostas nos dois lados da publicação, para lembrar que a roda gira e, de tanto girar, nos faz subir e nos eleva os olhares, ampliando o conhecimento. Essa dinâmica representa, também, a evolução no conceito do que é Patrimônio Cultural.

Um exemplo é o recente tombamento da Casa da Flor, na cidade de São Pedro D'Aldeia, na região dos Lagos, no Rio de Janeiro. Uma casa de taipa com suas paredes cobertas com mosaicos feitos de objetos encontrados no lixo. Ou a casa de Chico Mendes, em Xapuri, no Acre, outro tombamento singular que descreve o novo olhar sobre o Patrimônio Cultural no Brasil. Assim como o samba roda e gira, o resgate do passado nos apresenta caminhos do presente e abre portas para o futuro.

Outro espaço especial nesta edição do **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade** foi para o resgate dos saberes, brincando com seus diferentes aspectos. Há pescadores de uma comunidade em Sergipe que decidiram pescar também a memória do lugar e mergulhar na própria história. Da mesma forma, uma comunidade na Bahia decidiu trazer de volta o teatro, a dança e os folguedos, ouvindo os anciãos do lugar. Acharam belas histórias, com o resgate da identidade dos povos que sempre viveram ao lado do mar. Um inventário minucioso da trajetória do circo no Brasil com mais de 50 mil documentos reunidos é outra iniciativa que também dá espaço para o resgate da memória.

E o que dizer da experiência de trazer o som dos sinos para o mundo virtual? Esta é outra iniciativa, ao lado do Bumba Meu Boi com sotaque de Zabumba, que também mexe com os sons quase esquecidos, como as vozes da África, agora resgatados. Da cidade de Belém, a escolha foi para os roteiros que desvendam a história do local, revelando o período da Belle Epoque ao lado de uma paisagem italiana ou portuguesa. Mais do que turistas, a iniciativa tem atraído os moradores curiosos para saber um pouco mais sobre sua própria história.

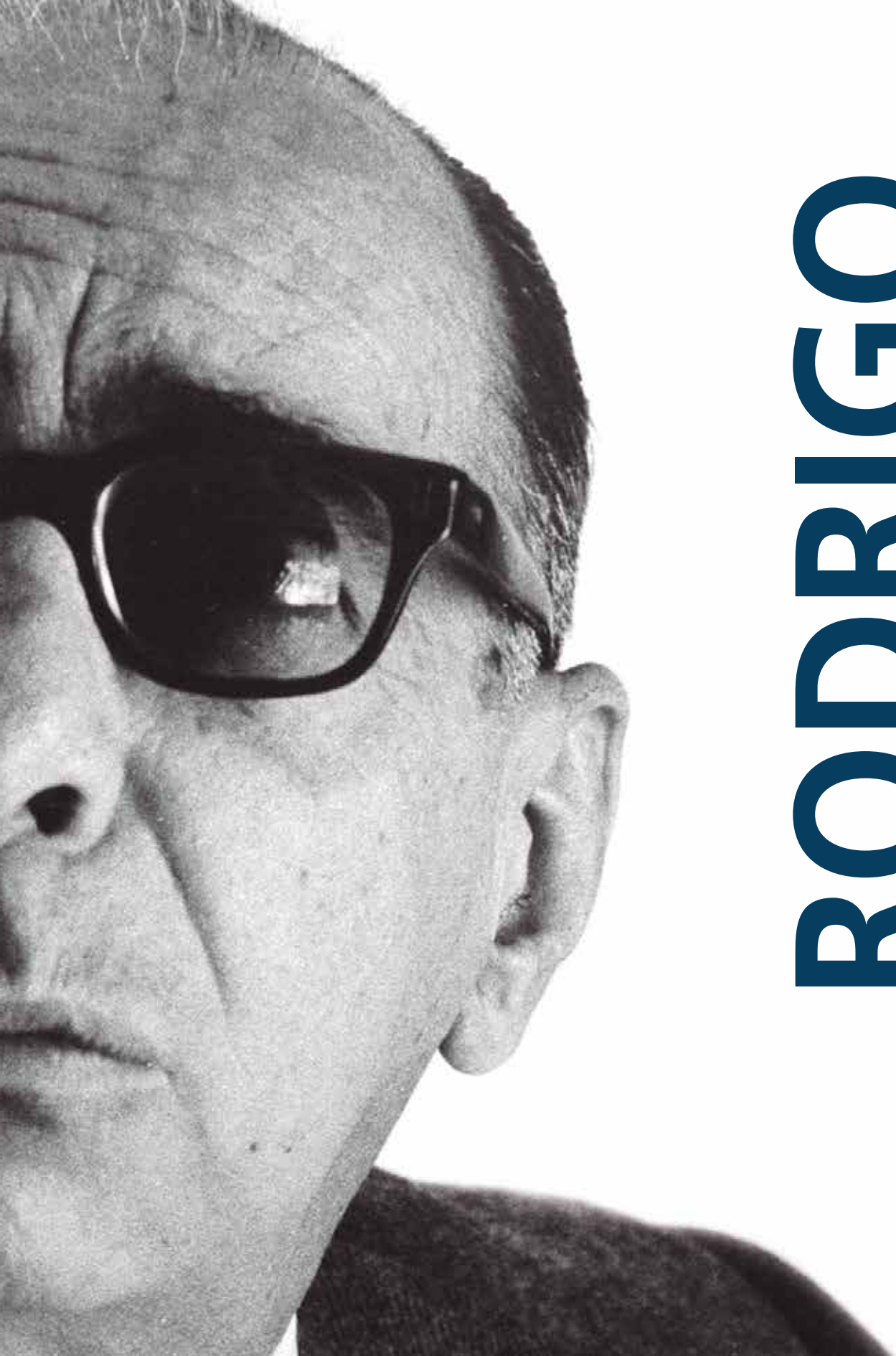
Já a cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, escolheu um final de semana para levar sua memória para as ruas, abrindo as portas de todos os seus casarões. E a cidade histórica de Estância, perto de Aracaju, também em Sergipe, entra para a história da premiação com o singular barco de fogo e os brincantes fogueteiros, que fizeram dos fogos juninos uma arte e um saber.

É com este mosaico singular de iniciativas populares que o **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade** dialoga. Uma conversa simples e direta, que tem como principal objetivo ampliar o olhar para o nosso Patrimônio Cultural que está, sem dúvida, nas ruas mas, sobretudo, na esperança, nos resgates singelos dos saberes ancestrais, nos sons e cheiros perdidos no tempo. O Iphan, em sua trajetória, tem inventariado este resgate do passado, com o olhar no futuro, especialmente para os próximos 80 anos.

O criador do anteprojeto para a criação do antigo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mário de Andrade, que em suas viagens pelo país conheceu um contexto social de mazelas centenárias e disparidades regionais, resumiu seu trabalho em uma sentença: “Minha obra toda badala assim: Brasileiros, chegou a hora de realizar o Brasil”. Assim como Mário de Andrade, partindo de um passado; vivendo um presente onde a realidade do Patrimônio Cultural no país vem se transformando, graças a uma nova concepção de cultura e do imaginário nacional; sigamos para o futuro, sempre buscando realizar o Brasil.

Kátia Bogéa

Presidente do Instituto do
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



RODRIGO

Melo Franco de Andrade

Advogado, jornalista, escritor e grande entusiasta da cultura nacional, o mineiro Rodrigo Melo Franco de Andrade teve papel fundamental no que hoje se conhece como Patrimônio Cultural Brasileiro. Sua amizade e proximidade com intelectuais da literatura, artes e arquitetura o levou ao convite para criar, organizar e dirigir a primeira instituição no Brasil com a finalidade de promover e proteger a história e arte do país, expressos nas mais diferentes formas. Em plena ditadura de Getúlio Vargas, em 1937, ele reuniu personalidades de diferentes correntes, inclusive de esquerda, para dar início às atividades do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), criado oficialmente em 13 de janeiro de 1937, pela Lei nº 378.

Com o desafio de preservar e recuperar o Patrimônio com séculos de abandono e de carência de recursos humanos e financeiros, Rodrigo Melo Franco de Andrade concentrou esforços em não deixar que as edificações civis e religiosas, semi-abandonadas ou deficientemente utilizadas, desabassem ou desaparecessem por ruína. Dedicou 30 anos da sua vida à defesa do Patrimônio Cultural, atuando com afeição e criatividade. Seus primeiros anos de atuação foram voltados à sensibilização da população quanto ao valor e à importância do acervo cultural, representado pelos edifícios que compunham os núcleos tombados e pelos bens móveis neles existentes, com ações educacionais, organização de exposições e criação de museus regionais. As ações levaram o Sphan a alcançar significativo prestígio internacional e deixaram como legado um volumoso número de bens culturais salvos do desaparecimento.

Em 1967, com o término de sua gestão, Rodrigo Melo Franco de Andrade entregava o Iphan como uma instituição consolidada e de grande autonomia administrativa, com notável autoridade e reconhecimento público, em decorrência do êxito de suas políticas e de suas realizações voltadas para a preservação do Patrimônio Cultural.

De berço

Sua árvore genealógica dá indícios de que seguiria o caminho das artes. O pai, Rodrigo Bretas de Andrade, era bisneto do autor da primeira biografia de Aleijadinho, Rodrigo José Ferreira Bretas. Por parte de mãe, Dália Melo Franco de Andrade, era sobrinho de Afonso Arinos, que escreveu *Pelo Sertão*, obra de destaque na literatura brasileira.

Nascido em 17 de agosto de 1898, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, Rodrigo foi alfabetizado em casa e logo manifestou o gosto pelas letras e artes, herança de seus pais, quando conheceu os clássicos da literatura, além da poesia simbolista, a sua preferida.

Aos 12 anos mudou-se para a capital francesa, Paris, onde morou na casa de seu tio, o diplomata Afonso Arinos, e cursou o secundário no Lycée de Sully. Durante esse período, conviveu com intelectuais, escritores e artistas plásticos brasileiros que frequentavam a casa de seu tio, como Graça Aranha, Tobias Monteiro, Alceu Amoroso Lima e muitos outros.

Alceu Amoroso Lima narrou ter percebido que o cuidado com relíquias arquitetônicas corria no sangue dos Melo Franco. Em um passeio pela cidade mineira de Ouro Preto, na companhia de Rodrigo Melo Franco de Andrade, ouviu do senador Virgílio Melo, avô do jovem, reclamações a respeito do abandono em que se encontravam os bens culturais das cidades mineiras. “Mal sabia eu, então, que ao jovem adolescente, nosso companheiro de uma dessas nostálgicas peregrinações, estava reservado o papel histórico de vir a ser o maior defensor de nosso passado estético”, escreveu Alceu para o livro *A lição de Rodrigo*, que reúne contos de diversas pessoas ligadas a Rodrigo Melo Franco de Andrade.

O começo

De volta ao Brasil, estudou direito na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Depois de formado, trabalhou como bancário e em 1921 iniciou sua atividade jornalística, colaborando no jornal fluminense O Dia.

Em 1922 passou a ser um dos porta-vozes do movimento modernista, quando criou laços de amizade que permaneceram ao longo dos anos com Aníbal Machado – que o estimulou em sua iniciação literária –, Milton Campos, João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Abgar Renault e Oswald de Andrade, entre outros. Participou de manifestações culturais que sucederam a Semana de Arte Moderna de 1922, quando aproximou-se dos intelectuais Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Tarsila do Amaral e Pedro Nava.

Redator-chefe da Revista do Brasil (adquirida por Assis Chateaubriand do seu proprietário anterior, o escritor Monteiro Lobato), em 1936, publicou dez edições e transformou a publicação em um importante instrumento de manifestação dos ideais modernistas. Rodrigo Melo Franco de Andrade colaborou ainda para vários jornais e revistas, entre eles, o Estado de Minas, Diário da Noite, O Estado de São Paulo, O Cruzeiro e Diário Carioca. Entre 1928 e 1930, foi diretor presidente de O Jornal, de Assis Chateaubriand.

Durante algum tempo, conciliou o jornalismo com as atividades de advogado, trabalhando no escritório dos seus tios Afrânio e João de Melo Franco. Na administração pública foi chefe de gabinete do ministro dos Negócios da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos, e do secretário-geral de Viação e Obras Públicas da Prefeitura do Distrito Federal. Em dezembro de 1930, indicou o arquiteto Lúcio Costa para a direção da Escola Nacional de Belas Artes.

Em 1936, Rodrigo Melo Franco de Andrade, por indicação de Mário de Andrade e Manoel Bandeira, foi convidado pelo então ministro da Educação, Gustavo Capanema, para organizar e dirigir o Sphan, que mais tarde viria a ser o Iphan. Desde então, tornou-se um importante personagem na consolidação da defesa e promoção dos bens culturais brasileiros, dedicando 30 anos de sua vida à instituição.

Dedicação e luta

Nos primeiros anos como diretor do Sphan, ele contou com a parceria de grandes intelectuais brasileiros, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Luís Jardim, José de Sousa Reis, Lúcio Costa, Edgar Jacinto da Silva, Renato Soeiro, Aírton Carvalho, Afonso Arinos de Melo Franco, Carlos Drummond de Andrade, Joaquim Cardoso, Gilberto Freyre, Alcides da Rocha Miranda, Vinícius de Moraes, Celso Cunha, Arthur César Ferreira Reis, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros.

Rodrigo conduziu a instituição por 30 anos, época que ficou conhecida como a fase heroica do Instituto. Nesse período, formou uma grande equipe composta por pesquisadores, historiadores, juristas, arquitetos, engenheiros, conservadores, restauradores e mestres-de-obras, conduzindo a realização de inventários, pesquisas, obras de conservação e restauração de monumentos. Organizou documentos e dados colhidos em arquivos públicos e particulares, reuniu um valioso

acervo fotográfico e estruturou uma biblioteca especializada. Pinturas antigas, esculturas e documentos foram recuperados e inúmeros bens protegidos. Também foi responsável pela criação de museus regionais e nacionais, como o Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (1938); das Missões, em Santo Ângelo (1940); do Ouro, em Sabará (1957); e

o Regional de São João del Rei (1963).

Rodrigo Melo Franco de Andrade contagiou os profissionais do Iphan ao realizar programas de treinamento de técnicos, coordenar trabalhos de recuperação das instalações do próprio Instituto, empreender disputas judiciais, trabalhando pela sobrevivência institucional da entidade, e se esforçando em promover, no Brasil e no exterior, uma consciência de preservação do Patrimônio Cultural do país.

Em seu empenho incansável, criou a Revista do Patrimônio Artístico e Nacional, que ficou conhecida internacionalmente e, em 1946, recebeu o Diploma de Honra à Publicação, durante evento realizado na Biblioteca Pública Santiago Alvarez, da Escola Provincial de Artes Plásticas, em Cuba. Os jurados decidiram por unanimidade e confirmaram o crédito que a revista alcançou nos meios culturais de vários países.

**“o homem
certo,
no lugar
certo”**

O Legado

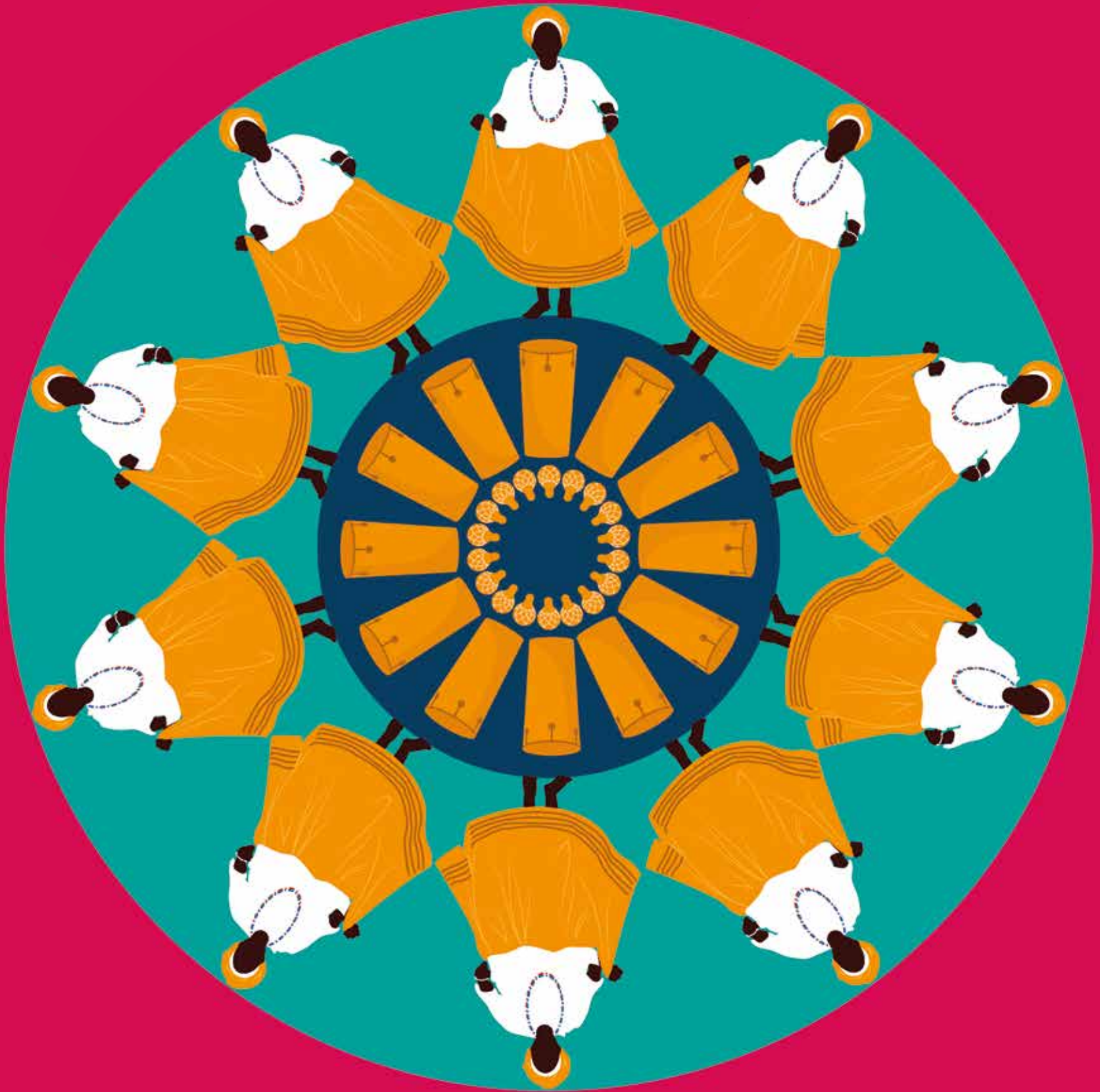
Em 1967, Rodrigo Melo Franco de Andrade deixou a presidência do Iphan, mas passou a integrar o conselho consultivo da Instituição, onde permaneceu até a sua morte, em 11 de maio de 1969. O poeta Carlos Drummond de Andrade destaca que “foram 62 anos de dedicação, pois Rodrigo trabalhava compulsivamente, sem horário para encerrar o expediente, sem final de semana, sem feriado, sem férias”. O sociólogo e escritor Gilberto Freyre resumiu esse período com a frase “o homem certo, no lugar certo”.

Desde então, seu espírito incansável continua presente no Instituto que ainda possui a desafiadora missão de promover e coordenar o processo de preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro para garantir o direito à memória e contribuir ao desenvolvimento socioeconômico do país.

A partir de seu trabalho, o Brasil possui um expressivo e diversificado acervo de bens, tombados e registrados. São patrimônios referenciais das identidades, das ações e da memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, cujos exemplares estão sob tutela do Iphan, inscritos em seus quatro Livros de Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes e das artes aplicadas e nos Livros de Registro dos Saberes, das Celebrações, das Formas de Expressão e dos Lugares.

Em homenagem a Rodrigo Melo Franco de Andrade, desde 1998, o Dia Nacional do Patrimônio é celebrado na data de seu nascimento, 17 de agosto.





Samba de Roda

do Recôncavo Baiano

Em 2016, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade homenageia o **Samba de Roda do Recôncavo Baiano**: expressão musical, coreográfica, poética e festiva, considerada uma das manifestações mais importantes e significativas da cultura brasileira. Herança negro-africana, surgiu no século XVII na região do Recôncavo, no estado da Bahia – faixa de terra que se estende em torno da Baía de Todos os Santos –, e vem das danças e tradições culturais dos escravos africanos da região, contendo também elementos da cultura portuguesa, como a língua, a poesia e alguns instrumentos musicais.

Registrado como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo Iphan, no Livro de Registro das Formas de Expressão, em 2004, e no ano seguinte reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, o Samba de Roda era o principal componente da cultura regional popular entre os

brasileiros de origem africana, mas logo foi adotado pelos migrantes procedentes do Rio de Janeiro e influenciou a evolução do samba urbano, que se converteu em símbolo da identidade nacional brasileira no século XX.

Ao som de timbales, tamborins, marcação, reco-recos, chocalhos, pandeiros, cavaquinhos, violões, violas e palmas em compasso *dois por quatro*, o Samba de Roda tem como característica forte o passo chamado miudinho. O leve e rápido pisoteado, com os pés na posição paralela e solas plantadas no chão, é o movimento base das sambadeiras que, a partir deste pisoteado, movem simultaneamente outras partes do corpo e a dança se desdobra. Como os músicos normalmente estão posicionados ou no fundo do círculo, de frente para as sambadeiras, ou ao lado delas, elas saem dançando o miudinho, se requebrando e se deslocando no espaço geral, numa espécie de monólogo corporal, que, embora seja reverencial e respeitoso, também é exibicionista.



Presente no trabalho de renomados compositores baianos – João Gilberto, Dorival Caymmi, Caetano Veloso –, o misto de música, dança, poesia e festa se revela de duas formas características: o samba chula e o samba corrido. A chula, uma forma de poesia, é declamada pelo solista, enquanto o grupo escuta atento, só se rendendo aos encantos da dança após o término do pronunciamento, quando um participante por vez adentra o meio da roda ao som da batucada regida por palmas. Já no corrido, o samba toma conta da roda ao mesmo tempo em que dois solistas e o coral se alternam no canto.

Os primeiros registros do Samba de Roda do Recôncavo Baiano, com esse nome e características que ainda hoje o identificam, datam dos anos 1860. Atualmente a manifestação reúne as tradições culturais transmitidas por africanos escravizados e seus descendentes, que incluem o culto aos orixás e caboclos, o jogo da capoeira e a chamada comida de azeite.

Todo tempo é tempo de samba

Dentro de casa ou ao ar livre, o Samba de Roda tem caráter inclusivo, ou seja, todos os presentes, mesmo os que ali estejam pela primeira vez, são em princípio provocados a participar cantando as respostas corais, batendo palmas no ritmo e até mesmo dançando no meio da roda. Embora não existam ocasiões exclusivas para sua realização, há aquelas nas quais ele é indispensável. A primeira delas refere-se às festas populares do catolicismo que são associadas, no Recôncavo, a tradições religiosas afro-brasileiras.

Em particular, no final de setembro são célebres os sambas nas festas dos santos Cosme e Damião, sincretizados com os orixás iorubanos relacionados aos gêmeos, os Ibeji. Estas festividades são chamadas também de Carurus de Cosme, devido à iguaria da culinária afro-brasileira, o caruru, que é servida na ocasião. Outra festa religiosa importante, onde o Samba de Roda representa papel de coadjuvante

proeminente e indispensável, é a de Nossa Senhora da Boa Morte, em agosto, na cidade de Cachoeira. Em São Félix, Muritiba, Conceição do Almeida e Santo Amaro, o samba de roda é destaque na festa de Nossa Senhora da Purificação. São Francisco do Conde, Feira de Santana, Itacaré e, novamente, Conceição do Almeida o celebram no Dois de Julho – festa em comemoração à independência da Bahia.

Outro ponto a ser destacado é a ligação que o samba consegue ter entre todas as faixas etárias e entre os sexos. Todos são convidados a participar da roda. A transmissão dos saberes envolvidos na realização do Samba de Roda vem sendo feita por meio da observação e da imitação. Crianças observam e o escutam desde a mais tenra idade, e a partir de 4 ou 5 anos, ou mesmo bem antes, começam a imitar a dança, as palmas e os toques rítmicos. A partir dos 8 ou 10 anos já participam da roda de forma ativa e consciente.

Poesia na roda

Uma das características do Samba de Roda do Recôncavo Baiano é que os participantes se reúnem em um círculo chamado *roda* e, geralmente, apenas as mulheres dançam. Uma por uma, elas vão se colocando no centro do círculo formado pelos outros dançarinos, que cantam e batem palmas ao seu redor. Essa coreografia frequentemente improvisada se baseia nos movimentos dos pés, das pernas e dos quadris.

Um dos movimentos mais característicos é a famosa umbigada (movimento de umbigo), de origem banto – grupo etnolinguístico localizado principalmente na África subsariana e que engloba cerca de 400 subgrupos étnicos diferentes –, pelo qual a dançarina convida quem vai sucedê-la no centro do círculo. Existem outros detalhes específicos, como canções típicas, o passo miudinho, a utilização de instrumentos raspados, a viola machete – um tipo de viola pequena originária de Portugal – e canções.

**“Foi agora que eu cheguei,
Tava na beira da praia
Conversando com meu bem:
– Eh, minha caboquinha, me
queira bem,
Que o bem que eu quero a outra,
Eu quero a você também.”**

(Mestre Quadrado e Manteiguinha, Mar Grande, Itaparica)

categoria I

Ação XXII Festival de Bumba Meu Boi de
Zabumba, do Maranhão

Projeto Som dos Sinos, de Minas Gerais

Projeto Mestres do Fogo, de Sergipe

Ação Memória do Circo, de São Paulo

“Saudade do meu tempo de criança
Saudade do meu tempo de criança
Eu digo com toda sinceridade, foi aqui
nesta cidade que a história começou
Agora que estou ficando velho só vejo os
meus netinhos
Me chamando de vovô”

(Mestre Basílio Duran – líder do Bumba meu Boi de Zabumba)



A stylized graphic of a Bumba Meu Boi mask, featuring a dark blue face with large, expressive yellow eyes outlined in dotted lines. The mask is adorned with yellow horns and a yellow collar with circular patterns. The background is a solid teal color.

XXII Festival

Bumba Meu Boi de Zabumba

Maranhão



Um dos mais antigos do Brasil, o *Bumba Meu Boi de Zabumba* representa o resgate das origens das tradições e brincadeiras que vinham se perdendo no tempo. Para recuperar o sotaque de Zabumba, foi criado o **Festival Bumba Meu Boi de Zabumba**, que acontece todos os anos em São Luís (MA) e tem a singularidade de manter os saberes técnicos originais, como a comédia, os personagens, o toque, os cantos e a dança, além da tradicional indumentária, chapéus, franjas e fitas coloridas.

Para o coordenador do Festival, o mestre Basílio Durans, o evento busca resgatar as raízes do *Bumba Meu Boi de Zabumba*, que esteve em declínio nos últimos anos e quase foi extinto. “Nós queremos incentivar os grupos existentes e continuar a resgatar os grupos que foram esquecidos”, afirma. Durante o festival

**“Nós queremos
incentivar os
grupos existentes
e continuar
a resgatar os
grupos que foram
esquecidos”**

as apresentações se prolongam pelas ruas e vários grupos se revezam nas brincadeiras do boi.

Mestre Basílio Durans conta que, quando criança, ficou doente e sua avó fez uma promessa. Se ele ficasse curado passaria a brincar o boi anualmente. E foi o que ele fez. Mestre Basílio criou o **Festival Bumba Meu Boi de Zabumba**, que há 23 anos reúne no mês de julho, em São Luís, todos os grupos de zabumba. “Aos dez anos de idade comecei a brincar o boi e não parei mais” relembra ele.

No início do século XX, os grupos de Bumba Meu Boi eram quase todos formados por pessoas originárias da região de Guimarães, que fica a noroeste de São Luís, capital do Maranhão, após as baías de São Marcos e de Cumã. Boa parte de seus dirigentes migrou para a capital.

SOTAQUE DE ZABUMBA

Lá, recebiam parentes e amigos, com quem faziam a festa conforme suas tradições. Memórias locais indicam que foi nos arredores do bairro de Monte Castelo que surgiram os primeiros bois de zabumba de São Luís, que deram origem aos grupos que até hoje se mantêm na cidade.

As cores vibrantes de um figurino rico em adereços que brilham ao ritmo das zabumbas, do tambor-onça, de pandeiros e maracás, trazem de volta ao Brasil as raízes africanas. Todo ano, o **Festival de Bumba Meu Boi de Zabumba** reúne nas ruas e bairros os chamados brincantes, que se apresentam em pelo menos 19 grupos tradicionais e envolvem cerca de 1,6 mil pessoas.

Além de levar às ruas este saber popular e estas tradições, o Festival procura fórmulas para transmitir o conhecimento com foco, principalmente, nos jovens. A ideia é deixar sempre claro que o tráfico de africanos para o Brasil, na condição de escravos, teve forte influência na formação da cultura maranhense, principalmente na culinária, mas

também na linguagem e nas danças. O *Bumba Meu Boi de Zabumba* é uma das manifestações que mais se destacam entre aquelas que preservaram a cultura trazida do continente africano.

Registrado como Patrimônio Cultural do Brasil, o *Complexo Cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão* é uma manifestação popular em homenagem a São João, protetor dessa tradição. Os sotaques mais conhecidos são: matraca, zabumba, orquestra, baixada e costa de mão. O sotaque de zabumba caracteriza-se pela presença das próprias zabumbas, além de outros instrumentos de percussão: tambor-de-fogo, tamborinho ou pandeirinho, tambor-onça, maracás e apitos. Os brincantes, raramente em número acima de 100, dividem-se nos papéis de amos, índias, rajados, vaqueiros, palhaços, pais Francisco, catirinas e outros cômicos, assim como o próprio boi. Segundo a opinião corrente em São Luís, são os grupos desse sotaque os mais apegados às tradições cômicas de representação do auto do boi e de outras histórias sobre temas variados.





Grande parte dos brincantes é iniciada no boi desde a infância ou juventude, e, assim, se aprende a executar atividades necessárias à sua manutenção, como cantar, tocar, dançar, bordar, confeccionar instrumentos musicais ou, ainda, a administrar e organizar o conjunto. A participação no grupo alimenta uma série de relações de cunho profissional, familiar, afetivo, político, entre outros. Brincar de boi significa não só compartilhar a dimensão lúdica e festiva, mas também cumprir obrigações com a realização dessa brincadeira. É por meio dela que os humanos entraram em contato com espíritos e outras entidades, em experiências de prazer e obrigação ou sacrifício pessoal.

O *Bumba Meu Boi de Zabumba* ainda é muito discriminado, tendo pouco espaço na mídia. Costuma receber cachês menores em relação a outros sotaques. Tem apresentado perda de sua identidade devido às exigências do mercado. Entre as maiores preocupações do grupo está a de preservar e conservar sua identidade cultural e ter este aspecto como um diferencial dos demais grupos de sotaque de zabumba.

O Bumba Meu Boi está entre as manifestações culturais populares mais difundidas do país, mas poucos percebem ou admitem as influências dos negros nesta festividade. A presença de elementos e rituais das culturas de matriz africana mostram suas influências nos ritmos, nas vestimentas, nos instrumentos. No entanto, embora os valores ancestrais africanos estejam presentes e atuantes no processo de desenvolvimento da cidadania do povo maranhense, muitas vezes há a negação da importância desses valores.

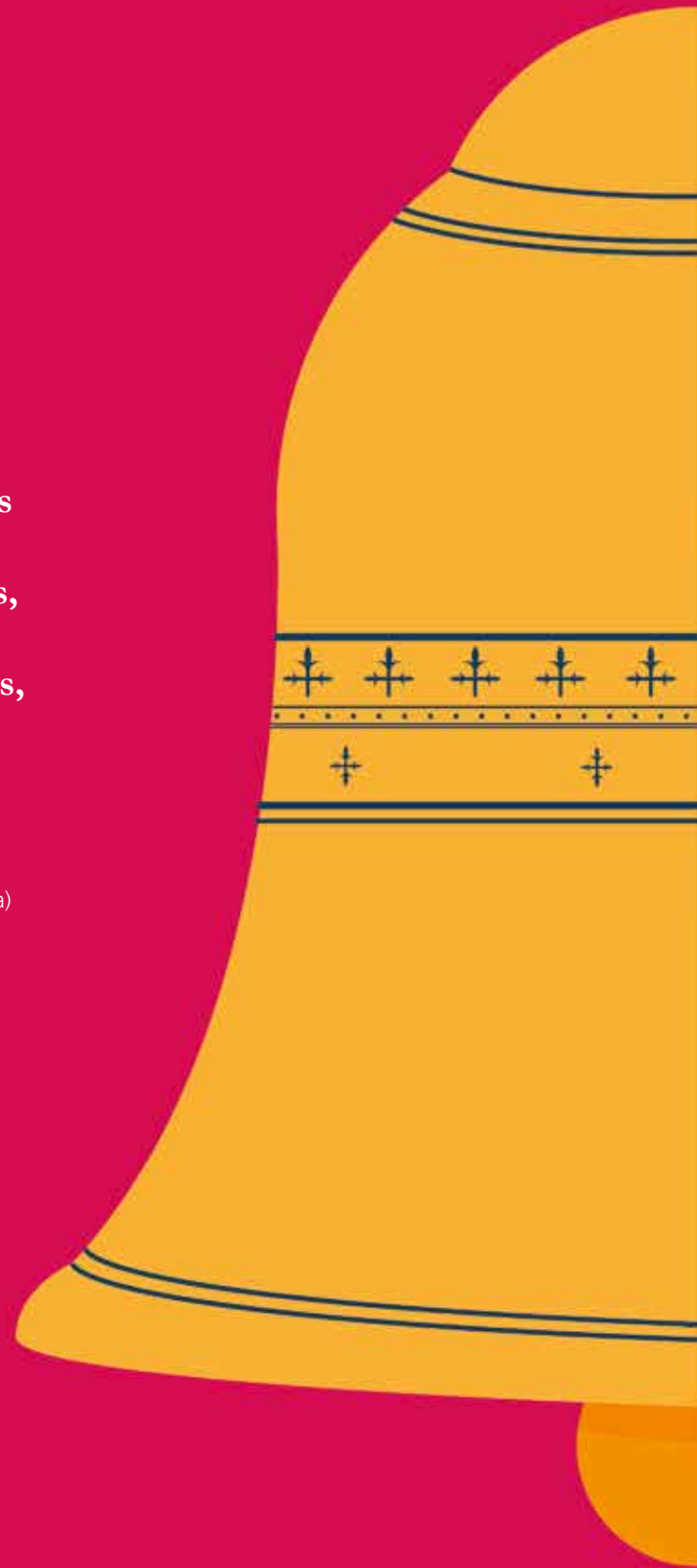
Para a preparação do festival durante o ano, o grupo liderado por Mestre Durans realiza encontros mensais em um clube. Ali eles discutem ações conjuntas para manter as formas tradicionais do sotaque. A cada ano há um tema do festival, homenagens e desfiles. Um dos objetivos principais do grupo é o envolvimento das novas gerações com pesquisa e preservação da sua cultura, reproduzindo-a nos grupos originais.

Sob a liderança do mestre Basílio Durans, o clube se transformou em ponto de encontro de cantadores de Bumba Meu Boi. A primeira edição do festival foi em 1994 e o local escolhido foi a sombra de uma barriguda centenária no bairro de Monte Castelo, em São Luís. Nos últimos vinte anos o festival passou a fazer parte do calendário municipal e estadual de cultura, com oficinas e vivências durante o ano, o que oferece oportunidade de inserção dos jovens nessa manifestação cultural e fomenta a economia de toda a região.



“Os sinos, então, conjugados por autênticos
sineiros que cresceram nas torres, falam,
chamam, soluçam, plangem. São argentinos,
graves, fúnebres e dolentes, numa escola
cromática de sons harmonizados ou díspares,
que rolando pelo espaço, vão se perder nas
quebradas distantes da serra imensa,
levantando os corações para o alto”.

(Cora Coralina - em Sinos de Goiás - Villa Boa de Goyaz - Global Editora)





Som dos Sinos

Minas Gerais



O projeto o **Som dos Sinos** é uma proposta diferente. Resgata um patrimônio secular no Brasil, o toque dos sinos de igrejas centenárias, tendo por suporte as novas tecnologias. São elas que fazem com que o repique festivo, a chamada para a missa ou o anúncio de morte deixem os campanários das igrejas para entrar no mundo virtual, onde qualquer pessoa tem acesso.

Inovador, utiliza a combinação entre memória, novas tecnologias e cartografia sonora, por meio de plataforma web interativa e de aplicativo para celulares com paisagens sonoras georreferenciadas, além de projeções a céu aberto na fachada de igrejas e espaços públicos. Melhor ainda, as pessoas podem, virtualmente, subir ao campanário, entrar na torre, conversar com o sineiro, saber de sua vida e, ainda, apreciar as badaladas dos sinos e suas nuances.

Som dos Sinos

Dos campanários
ao mundo virtual

A ideia surgiu a partir de pesquisas e entrevistas da antropóloga e documentarista Márcia Mansur e da especialista em novas tecnologias e pesquisadora com foco no patrimônio imaterial Marina Thomé. “Nosso trabalho sempre foi complementar e a parceria surgiu e deu certo por isto” explica Márcia.

Ela conta que de uma iniciativa simples de divulgar sons e documentos relativos às diferentes sonoridades dos sinos de igrejas de nove cidades de Minas Gerais veio a proposta de colocar este patrimônio em plataformas web interativas, inclusive para celular. “A partir daí foram surgindo produtos para públicos diferentes. Agora estamos finalizando um filme com o material colhido durante estes quase três anos de projeto”.

Além dos diferentes toques de sino de igrejas centenárias, Márcia e Marina perceberam em andanças e entrevistas com os sineiros que há uma nova geração de tocadores de sinos que está conectada e utiliza bastante a internet. Daí, para valorizar esta profissão e perceber que o sino seria um elemento multimídia forte e rico foi apenas um passo.

As entrevistas com os sineiros, jovens ou velhos, passaram a integrar a plataforma **Som dos Sinos** na web. Uma página no Facebook, criada especialmente pelos jovens sineiros, já mobiliza pelo menos 1,5 mil pessoas.

A pesquisa histórica também foi importante. Para as documentaristas, um dos pontos principais do projeto foram as visitas feitas às nove cidades históricas de Minas Gerais para apresentar o **Som dos Sinos**. A projeção nas fachadas das igrejas atraiu turistas e moradores, que puderam observar de perto o que acontece nas torres e, principalmente, conhecer melhor o ofício dos sineiros.



Entre os diferentes produtos gerados pelo projeto há, também, o aplicativo georreferenciado para os turistas. Com ele, é possível ouvir os sinos e chegar até as torres das igrejas. Assim, os diferentes toques de sinos, espécie de cartão postal das cidades históricas, que sempre foram o principal meio de comunicação das comunidades ali instaladas, são levados ao conhecimento das pessoas que, a partir daí, podem fazer divertidos exercícios para entender qual toque se refere a qual acontecimento. “Não havia jornal, TV ou rádio, o meio de comunicação era o sino”, lembra Marcelo, sineiro de Tiradentes. Ele explica que para cada informação havia uma quantidade de toques e um ritmo das badaladas.

**“Não havia
jornal, TV ou
rádio, o meio de
comunicação era
o sino”**

“O projeto foi rapidamente reconhecido e divulgado em TVs, rádios e jornais, o que para nós tem sido muito gratificante” afirma Márcia. Assim, em uma combinação singular entre memória e tecnologia, o projeto resgata e divulga o som dos sinos e o ofício dos sineiros por intermédio de uma plataforma multimídia, onde o interessado pode aprender, ouvir, interagir e até baixar os sons em seus celulares.

Segundo os organizadores do projeto, o design desta plataforma tem como foco o público jovem, tendo em vista que, dos 24,5 milhões de pessoas que visitaram as cidades históricas de Minas Gerais em 2013, 57% estão na faixa dos 21 a 40 anos. Além disso, 60% dos turistas viajam para conhecer o patrimônio histórico. Os registros podem ser visualizados por diferentes filtros, a depender

TODAS AS CIDADES

ESCOLHA UMA CIDADE ▼

TOQUES

COMUNIDADE

SINEIROS

CELEBRAÇÃO

Você está ouvindo:



Esente OS TOQUES
DOS SINOS

Cada barra é um som. É só clicar para ouvir. Navegue pela onda sonora: as cores indicam os diferentes tipos de áudios. Você pode filtrar por cidade, baixar os toques em Creative Commons dos sinos e compartilhar qualquer som.

←
VOLTA

das escolhas de navegação do usuário. O Vídeo Cartas, por exemplo, funciona de maneira interativa: o usuário escolhe uma sequência de vídeos e uma trilha sonora. As opções serão processadas num site junto a uma história que ele mesmo contará com recursos de narrativa multimídia. Ao fim, o próprio site gera um vídeo de 30 segundos que pode ser compartilhado pelo internauta.

Assim, foram registrados e catalogados toques de sinos, descrições sobre o instrumento musical e feitas entrevistas com os sineiros. A abordagem levou os pesquisadores a temas correlatos ao universo dos sinos como trabalho, mineração, fé, morte, culturas negra e portuguesa. A equipe envolveu designers, redatores, programadores, roteiristas, editores, sonorizadores, jornalistas e outras categorias.

Envie

CRIE UM VÍDEO, ESCREVA SUA
HISTÓRIA E COMPARTILHE

Monte a sua



O Ofício dos Sineiros

O projeto também sai do virtual e propõe outras formas de experimentar o conteúdo. Para isso foram produzidos nove vídeos, exibidos em projeções itinerantes pelas nove cidades presentes no mapeamento do registro do Toque dos Sinos. Cada vídeo conta a história do local onde é exibido, com depoimentos de moradores e sineiros. A ideia é valorizar não só a cultura da linguagem dos sinos, mas, também, a figura do sineiro, que muitas vezes não é reconhecida. A proposta é deslocar o universo da torre para a cidade, com projeções nas fachadas externas das igrejas, apresentando estas imagens às pessoas que apenas ouvem os sons e desconhecem os campanários.

Os sineiros entrevistados participaram das projeções públicas, que estimulam uma nova relação com a comunidade local. O conteúdo do projeto está disponível de forma gratuita *online* e os sineiros tornam-se agentes multiplicadores para a preservação da sua própria história e da memória coletiva local, através do compartilhamento e apropriação deste conteúdo e da formação de redes.

O aplicativo para celulares se configura em ponte entre tradições e novas gerações, promovendo um entendimento compartilhado do Patrimônio Cultural. Além disso, a equipe responsável pelo projeto **Som dos Sinos** realizou o documentário *online* interativo *Universo das Torres*, que apresenta perfis de nove sineiros e oito toques, além da sessão *Sinos*, que utiliza tecnologia *Parallax* e se constitui em produto versátil e gratuito para projetos de Educação Patrimonial em escolas. Tudo isso pode ser acessado pelo endereço eletrônico webdoc.somdosinos.com.br

Inscrito no Livro de Registro dos Saberes, em 2009, o Ofício de Sineiro tem importância fundamental na produção e reprodução dos toques que caracterizam e diferenciam territórios e comunidades. É uma prática tradicional, vinculada ao ato de tocar os sinos das igrejas católicas, para anunciar rituais e celebrações religiosas, atos fúnebres e marcação das horas, entre outras comunicações de interesse coletivo.



Em 2010, o *Ofício de Sineiro* e o *Toque dos Sinos* em Minas Gerais - tendo como referência São João del Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes-, foram Registrados como Patrimônio Cultural do Brasil. Com base neste trabalho, em 2014, a equipe fez pesquisa e produção de documentação pelo menos duas vezes em cada uma das cidades e em seus distritos rurais. O projeto foi apresentado para parceiros institucionais estratégicos, como as secretarias de cultura dos municípios, o Iphan, assim como para as igrejas e sineiros em atividade.

Entre janeiro e abril de 2015 o conteúdo foi editado, para que o projeto pudesse ser lançado em maio de 2016. Foram catalogadas 110 faixas de áudio do aplicativo para celular, disponibilizadas para download gratuito, para as quais foram desenhadas paisagens sonoras exclusivas. Também foi lançada a plataforma multimídia online: www.somdosinos.com.br. Entre as sessões está a *Sons*, uma onda sonora que reúne os mais de 100 áudios com toques de sino e depoimentos da comunidade.





Nove cidades, 40 toques e outras histórias é um projeto pioneiro na utilização de novas mídias para a divulgação do Patrimônio Imaterial no Brasil. Tendo como foco o *Registro do Toque dos Sinos* e o *Ofício de Sineiro*, o projeto explora a combinação entre memória e novas tecnologias, engajamento da sociedade civil e valorização dos indivíduos detentores dos saberes registrados como Patrimônio Cultural.

Em Minas Gerais, as cidades de São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes registram mais de 40 toques de sinos, que identificam ritos litúrgicos, nascimentos, mortes, tipos de missas, casamentos. Por intermédio de plataforma multimídia com navegação interativa, intervenção pública e aplicativo para dispositivos móveis, o projeto **Som dos Sinos** estabelece canais de acesso ao imaginário, ao mesmo tempo em que revela identidades culturais desta região do estado de Minas Gerais. Além desta plataforma, o projeto produziu o vídeo-documentário *O Universo das Torres*, apresentando o cotidiano dos sineiros e material voltado para projetos de educação ambiental nas escolas.

Eu vi o louro, vi o louro, vi Louro
Papagaio
Eu vi o louro pedindo para voar
Papagaio
Eu vi o louro rebolando pelo chão
Papagaio.

(cantiga entoada durante o pisa-pólvora)



A stylized sailboat is positioned on the left side of the image. The sailboat has a white hull with a blue stripe and a red stripe. The sail is white with a blue stripe and a red stripe. The mast is red and white striped. The sailboat is decorated with a string of blue and red pennants. The background is a solid orange color.

Mestres do Fogo

Sergipe



Um barco de fogo enfeitado de bandeiras coloridas cruza o céu da cidade de Estância deixando um rastro luminoso. O registro da alegoria integra o projeto **Mestres do Fogo** e o resgate dos saberes que envolvem a saída do barco de fogo é um dos resultados da pesquisa da professora Sayonara Viana Silva e equipe. A pesquisa começou em junho de 2013 nos bairros Porto d’Areia e Bonfim, onde ainda vivem os mestres fogueteiros e os brincantes do barco de fogo.

O projeto busca reunir informações sobre a forma artesanal de feitura do barco e dos fogos em Estância, cidade distante 65 quilômetros da capital de Sergipe, Aracaju. A tradição dos fogos é a principal atração turística dos festejos de São João onde, à noite, um barco de fogo enfeitado de bandeiras coloridas voa

no céu, movimentando-se em um arame, por um percurso de 200 a 300 metros. Tão rápido como um foguete, deixa um rastro luminoso pela cidade enfeitada também de bandeiras. A pesquisa identificou 32 mestres fogueteiros na cidade, muitos deles filhos ou netos dos antigos mestres que repassaram para outras gerações o saber sobre a confecção artesanal das peças e da pólvora. Além de resgatar o ofício artesanal dos mestres, com sua batucada e suas cantigas, o projeto **Mestres do Fogo** busca ressaltar a importância turística do folguedo, que já se tornou um símbolo das festas juninas em Estância e atrai pessoas de todo o Brasil.

O BARCO QUE VOA

O trabalho de pesquisa da professora Sayonara e equipe foi concluído em 2015 com exposição fotográfica e lançamento de catálogo em espaço do Tribunal de Contas do Estado de Sergipe. A pesquisa abrangeu registro fotográfico, estudo documental (dados desde o século XIX), acompanhamento dos mestres na realização do ofício, entrevistas, questionários e visita ao museu a céu aberto de Estância.

A autora explica que buscou “referências sobre um dos mais representativos festejos juninos” de Sergipe, sem deixar de mencionar as mudanças introduzidas na fabricação dos barcos e dos fogos, como o pilão mecânico e outras, que acabaram por prejudicar o caráter artesanal da confecção das peças.

A dissertação *Mestres do Fogo: A fabricação dos fogos de artifício em Estância*, de Priscila Soares Silva, professora do Colégio Estadual Gilberto Freyre, observa que, com o incremento do turismo, esse material sofreu “um processo de modernização, deixando de ser produzido de forma artesanal para ser fabricado

em grande escala, chegando a utilizar-se de linhas de produção estruturadas e organizadas de forma profissional”. No trabalho, a professora estuda a fundo os bastidores da confecção de busca-pés, espadas e barcos de fogo.

A autora destaca o fazer coletivo (fogueteiro e ajudantes) do ofício. “Eles possuem uma complexa educação corporal que permite construir um modo de vida particular, de forma a conceber de modo plural esse ofício, como trabalho, arte e lazer, que se inscreve na história dos festejos juninos estancianos ao longo dos anos, passando de geração em geração.” Além disso, aponta que a programação acontece na rua e é organizada e promovida pelo poder público municipal, com patrocínio de empresas da cidade.

O barco de fogo é registrado como Patrimônio Cultural Imaterial de Sergipe e, atualmente, a Secretaria Municipal de Cultura, Juventude e Desporto de Estância pleiteia, junto ao Iphan, o reconhecimento do saber/fazer dos mestres em nível nacional.



Localizada no sul de Sergipe, Estância foi denominada Cidade Jardim por Dom Pedro II, durante visita ao local. É conhecida pelos sobrados de azulejos portugueses, grandes festas juninas, o maior Carnaval do estado, o Natal de Luz, a centenária Lira Carlos Gomes, por ser berço da imprensa sergipana e terra de intelectuais. Surgida no início do Século XVII, foi elevada à categoria de cidade em maio de 1848. E, claro, o São João, o principal evento turístico/cultural do município, com seus 30 dias de festa em junho.



O São João é o principal evento turístico/cultural de Estância, com 30 dias de festas em junho, marcado por atrações como batucadas e o barco de fogo, as espadas e buscapés, produzidos especialmente para as apresentações. Tem também muito samba, batuque e quebra-coco quando crianças se apresentam em vestidos de chita e tamancos que marcam o ritmo.

A comunidade se envolve em todas as fases dos festejos e produção do barco de fogo. Desde o corte do bambu, para fazer as chamadas tabocas, até as danças que entram pela noite durante o Pisa-Pólvora.

A alegoria dos barcos de fogo começou nos anos 30 com um mestre fogueteiro que se chamava Chico Surdo. Seu sonho era ser marinheiro, mas como era surdo, passou a fabricar os barcos chapinhados de uma madeira leve da região. Cobertos de bandeirolas coloridas, o barco é carregado com espadas e tabocas recheadas de pólvora e fogos de artifícios.



Pisa-Pólvora

Um ritual, uma dança folclórica, muito parecida com a Batucada, ambas manifestações populares com forte expressividade no município de Estância. A finalidade maior do Pisa-Pólvora é preparar a pólvora para as batalhas de busca-pés e para os barcos de fogo, abrindo os festejos juninos da cidade.

A dança é realizada em torno de um pilão, onde estão colocados o enxofre, o salitre e o carvão, substâncias utilizadas no preparo da pólvora. Homens e mulheres costumam participar, vestidos à moda caipira, cantando e dançando ao som de ganzás, tambores, triângulos, reco-reco e porca.

O ritual é uma herança dos tempos da escravidão. Os negros costumavam realizar as tarefas, dançando, pisando forte no chão e tirando versos de improviso.



Uma pesquisa histórica aprofundada
que se inicia desde os primeiros
circos brasileiros, datado de fins do
século XIX até a atualidade.





Memória do Circo

São Paulo



Do palhaço à bailarina, passando pelo trapezista e os saltimbancos e o adestramento de animais, a arte do circo sempre encantou as pessoas, sejam eles os mais mambembes ou os mais imponentes. Quem não se lembra de uma lona desbotada ou furada dos circos do interior? Ou, nas grandes cidades, quem nunca viu os espetáculos mais luxuosos e bem acabados? Não importa. Todos irradiaram alegria.

Se a arte do circo é infinita e sua tradição perdura e se multiplica até os dias atuais, a tradição oral e os saberes que são passados de família para família circense correm o risco de se perder. Foi com essa preocupação que Verônica Tamaoki começou a colecionar histórias de circo, adereços e objetos para o *Memorial do Circo*, que fica no centro de São Paulo. Da coleção de histórias e entrevistas gravadas com velhos palhaços e frequentadores do *Café dos Artistas*, no Largo Paissandu, em São Paulo, Verônica passou a reunir os acervos de figurinos e adereços de circo.

Ao lado das golas e sapatos dos palhaços o bordado delicado nas vestes das bailarinas. Fotos, cartazes e até lonas dos diversos circos que viajaram o Brasil e o mundo. Ao reunir peças diversas e muitas relíquias em um museu, o projeto **Memória do Circo** busca resgatar pelo menos dois séculos da história dos espetáculos circenses no Brasil. História que, em muitas vezes, se confunde com a do próprio país, visto que se o Brasil conseguiu sua Independência em 1822, os primeiros circos começaram a fazer seus espetáculos e a encantar o público por volta de 1830.

Esse resgate passa por uma pesquisa histórica aprofundada, a partir dos circos pioneiros, no século XIX. Por meio de registros e pesquisas, o projeto vem montando um rico acervo sobre a memória do circo, capaz de mexer com o imaginário de cada, como se os espetáculos estivessem parados no tempo.

RELIQUIAS DA ARTE DO CIRCO

Em 1999, Verônica Tamaoki escreveu o romance *O Fantasma do Circo*, que conta a história de amor entre o poeta Fagundes Varela e a amazona Alice Guilhermina Luande, uma artista de circo. A obra juntou à ficção registros históricos de um século de circo no Brasil. De acordo com o romance, Alice sempre foi relegada a segundo plano pelos biógrafos do poeta, só porque era artista de circo. A foto de Alice, usada na capa do livro, foi feita por Pierre Verger e registra o momento em que ela espia o picadeiro pela coxia. Pela tradição circense, trata-se de um pecado, porque nunca se deve olhar o colega pela fresta da cortina dos bastidores.

Verônica narra que, por sua trajetória pessoal e por ter abandonado o circo para se casar com o poeta e sem nunca mais conseguir ser feliz fora dos espetáculos, Alice é considerada a grande mãe do circo brasileiro. O romance inclui outros personagens, como Benjamin de Oliveira, um dos primeiros palhaços negros, e *Piolin* (Albelardo Pinto), cuja história contaminou a antropofagia literária de Oswald de Andrade, também ele citado em *O Fantasma do Circo*. Aparecem ainda no livro Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Lina e Pietro Maria Bardi, Jorge Amado e outros nomes da cultura nacional.

Mas foi com o projeto *Circo Nerino* (1913-1964) que Verônica realizou um de seus mais importantes trabalhos e fez da intersecção da memória oral com a documental uma das marcas de suas pesquisas. Ainda em 2007, ela recebeu a guarda do acervo do *Circo Garcia* (1928-2003), reunindo importante documentação que veio a sedimentar a criação do *Centro de Memória do Circo*.

De lá para cá, em uma iniciativa inédita, o processo de busca da história do circo passou a ser feito em um de seus principais sítios históricos, o Largo do Paissandu. E o acervo, formado no início principalmente por documentos textuais e iconográficos, ganhou a tridimensionalidade dos objetos de circo. Em 2015, logo após ter construído uma reserva técnica específica para objetos tridimensionais, o Centro recebeu o figurino completo do palhaço *Piolin*, cuja data de nascimento, 27 de março, consagrou-se como o *Dia do Circo*.



Hoje, além de uma exposição permanente que tem em um dos seus eixos a linha do tempo da história do circo no Brasil, o *Centro de Memória do Circo* se dedica a oficinas sobre a arte circense e a um resgate minucioso sobre os saberes do circo. Desde os bordados antigos e adereços até a comida servida nos espetáculos, tudo é mostrado, em uma tentativa de manter as tradições e repassar para as novas gerações todo esse conhecimento. Assim, uma visita ao *Centro de Memória do Circo* é uma oportunidade de viajar no tempo e conhecer a graça dos palhaços e os fantásticos feitos de seus artistas ao longo da história e da trajetória da vida do circo no Brasil.

É importante ressaltar que a história do teatro, da música, do cinema e dos discos passou pelo picadeiro, conforme explica Verônica. Ela, que estudou artes circenses na *Escola de Circo Piolin*, atuou como artista em grupos que iniciaram o movimento do novo circo no Brasil.





Memória do Circo ressalta a importância da pesquisa ter sido inicialmente marcada pela memória oral, com posterior incorporação da história documental. Verônica tem sob sua guarda todo o acervo documental dos maiores circos brasileiros, além dos extintos *Circo Garcia* e *Circo Nerino*. No acervo, estão entrevistas, fotos, figurinos e objetos variados que incluem até cartazes e ingressos antigos.

Desde que o *Centro de Memória do Circo* foi criado, em 16 de novembro de 2009, o projeto foi premiado em 2012 e 2014, com o reconhecimento do governo do estado de São Paulo, e em 2015, com a *Comenda Mérito Cultural do Ministério da Cultura*. A iniciativa inovadora tem por objetivo colaborar na valorização do circo no país, alcançando lugar de destaque na cultura brasileira. As ações desenvolvidas buscam salvaguardar e difundir o Patrimônio Cultural do circo brasileiro, garantindo ao acervo constituído livre acesso às gerações atuais e futuras.



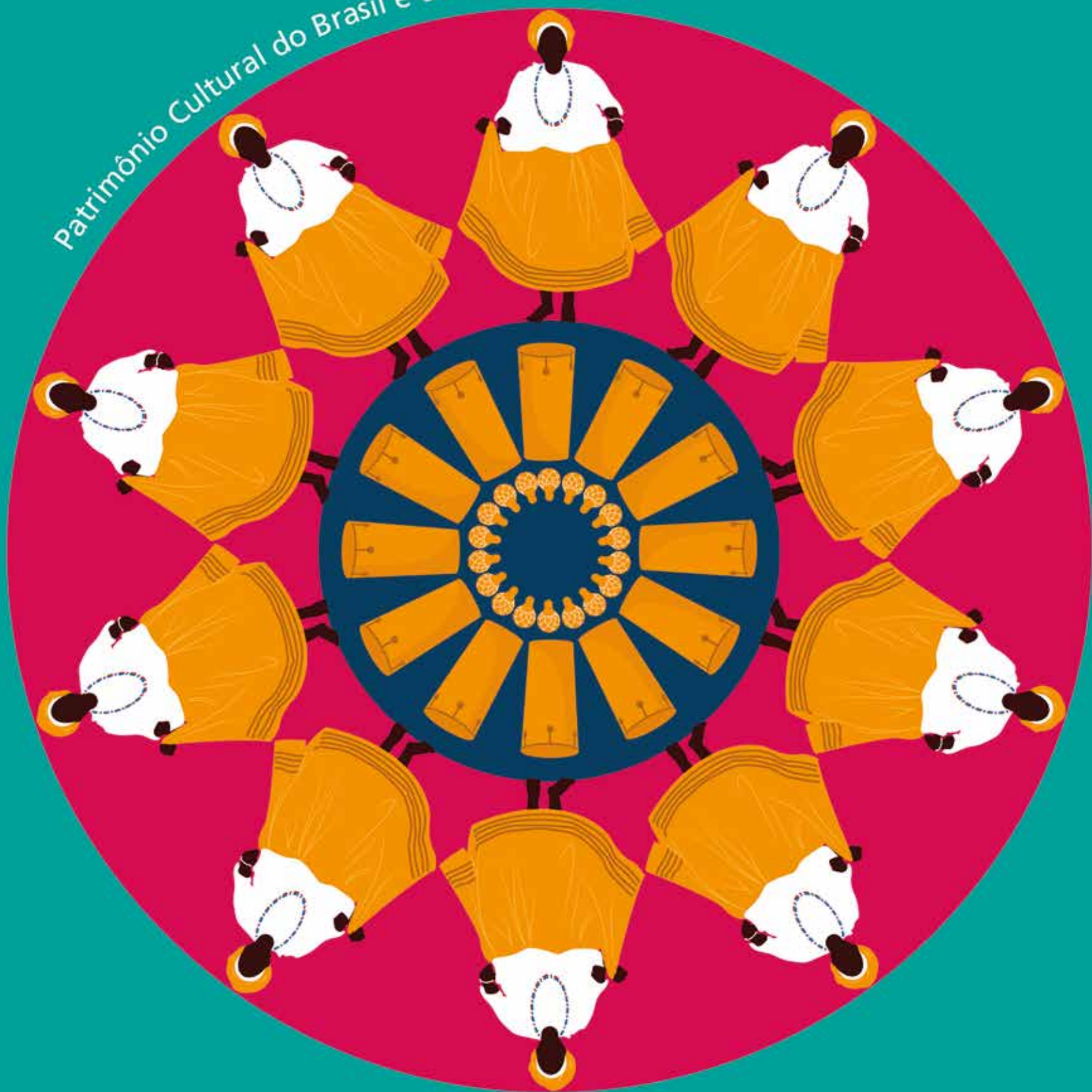
O projeto **Memória do Circo** busca localizar, registrar, reunir, tratar, catalogar, interpretar, afirmar e difundir, por intermédio da criação de obras de linguagens diversas, o Patrimônio Cultural do circo brasileiro. Visa ainda preservar e garantir livre acesso das gerações atuais e futuras ao acervo montado. Tem por objetivo revitalizar importante sítio histórico do circo, o Largo do Paissandu, no Centro da cidade de São Paulo. Como há poucas obras de referência e fontes de pesquisa sobre o circo brasileiro, cresce a importância do projeto. Com as profundas mudanças ocorridas no modo de formação e produção circense, tornou-se ainda mais necessário preservar e revitalizar seu Patrimônio Cultural, incluindo um de seus mais importantes lugares.

Em 2014, o *Centro de Memória do Circo* foi indicado pelo *Prêmio Governador do Estado* como uma das cinco mais importantes instituições culturais de São Paulo, e, em 2015, recebeu *Comenda Mérito Cultural*, do Ministério da Cultura. No que diz respeito ao acervo, convém destacar o desenvolvimento de uma museologia própria para o circo, a criação de uma reserva técnica apropriada para objetos tridimensionais, que reuniu importantes acervos trazidos espontaneamente pela classe circense, como o *Diário do Palhaço Polydoro*, escrito entre 1870 e 1915, e acervos que se encontravam sob a guarda de instituições como a coleção Julio Amaral de Oliveira, no Museu da Imagem e do Som, de São Paulo (MIS-SP), e a coleção *Piolin*, no Museu de Arte de São Paulo (MASP).

Em 1874, no *Circo Elias de Castro* apresentava-se o José Manoel Ferreira da Silva, o Polydoro, primeiro palhaço brasileiro. O *Diário do Palhaço Polydoro*, escrito entre 1870 e 1916, é um precioso registro sobre o circo no Brasil. Suas viagens, dificuldades e muito sucesso de público, assim como a passagem em cada grão distante do país, está tudo lá registrado. É um dos 50 mil documentos que Verônica Tamaoki conseguiu reunir, catalogar e expor no *Centro de Memória do Circo*. Sem dúvida, um rico material de pesquisa.



Patrimônio Cultural do Brasil e da Humanidade





categoria II

Ação Dia do Patrimônio, do Rio Grande do Sul

Projeto Roteiros Geo-turísticos - Conhecendo o
Centro Histórico de Belém, do Pará

Projeto Identidade e Memória do Povo do Mar, da Bahia

Projeto Pescando Memórias, de Sergipe

O dia em que a história deixa
de ficar presa nos casarões e vai
para as ruas.



Dia do Patrimônio

Rio Grande do Sul





Enquanto a mestre griô Sirley Amaro, 78 anos, conta histórias do passado e encanta adultos e crianças, nas ruas os prédios e monumentos históricos estão engalanados nas cores verde, vermelha e azul para o final de semana especial. Assim, a cidade de Pelotas (RS) escolhe, desde 2013, um tema especial para festejar seus monumentos históricos. Trata-se do **Dia do Patrimônio**, uma iniciativa da Prefeitura da cidade que, por intermédio de sua Secretaria Municipal de Cultura, promove ações para celebrar o patrimônio local de forma ampla, com a participação dos seus cidadãos.

Neste dia, a população da cidade, os estudantes e autoridades revisitam seus monumentos históricos, participam de oficinas, resgatam hábitos e, mais do que isso, escolhem o tema que é trabalhado em conjunto. Postais são confeccionados e distribuídos a todos e a celebração acontece com muita música nas ruas, apresentações teatrais, oficinais que proporcionam o resgate de saberes esquecidos e, claro, muita alegria.

O Patrimônio é de todos

A mestre griô Sirley Amaro está em um dos postais desenvolvidos para o evento, que lembra as relíquias materiais e imateriais de Pelotas. O título griô é o reconhecimento por ela ter se tornado especialista em preservar e transmitir histórias, fatos históricos, os conhecimentos e as canções de seu povo. Tudo o que ela aprendeu, transmitiu com sabedoria e arte.

“A nossa história pertence a todos”, diz com simplicidade a contadora de causos, como se intitula, que se tornou griô há oito anos. Sirley foi convidada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) para se candidatar ao projeto *Ação Griô* e foi escolhida mestre de saberes.

A ideia de dedicar um dia para celebrar o Patrimônio foi inspirada na bela festa cívica que ocorre no Uruguai, cuja fronteira fica a cerca de 150 quilômetros de Pelotas. O secretário de Cultura da cidade, Giorgio Ronna, explica que os uruguaios costumam ter um dia do patrimônio em que todos os prédios históricos, igrejas, museus e outros monumentos são enfeitados com bandeiras para receber a população. “No Uruguai a festa é nacional” informa Giorgio.

Com base no exemplo uruguaio, a administração municipal decidiu, em 2013, criar uma celebração ao Patrimônio pelotense e emancipar a rica história preservada, mas ainda aprisionada em seus casarões. Estava claro que a cidade necessitava avançar nas questões de preservação e discussão do uso do seu patrimônio.

**“A nossa
história
pertence a
todos”**

Assim, naquele ano, com o apoio do consulado uruguaio, a população pelotense foi convidada a mergulhar definitivamente na Educação Patrimonial. De lá para cá, passou-se a celebrar o **Dia do Patrimônio**, que é festejado no final de semana mais próximo à data nacional – 17 de agosto, dia do nascimento do primeiro presidente do Iphan, Rodrigo Melo Franco de Andrade.

Desde sua primeira edição, os cidadãos têm a oportunidade de conhecer e reconhecer questões peculiares ao Patrimônio Cultural local. Uma semana antes do evento, todos os prédios e monumentos históricos tombados são identificados com bandeiras que medem 3m X 1,50m nas cores verde, vermelha e azul, que os identificam conforme o nível do seu tombamento: verde para federal, vermelho para estadual e azul para municipal.





Na sua grande maioria, os 33 prédios marcados estão abertos durante todo o final de semana para visitação pública. Estudantes universitários são convidados a participar das palestras de formação preparatórias ao evento e atuar como agentes do patrimônio. Artistas, produtores e entidades sociais, culturais e educacionais também são convidados a dedicar uma atividade nos espaços públicos como praças, parques, prédios e nas praias da Lagoa dos Patos, lugares que também são identificados com bandeiras menores em azul e amarelo. Todos atuam voluntariamente. O intuito é fazer com que doem um pouco do patrimônio que produzem para uma grande festa e divulgação. Participam do **Dia do Patrimônio**, desde sua criação, as Universidades Católica de Pelotas, Federal de Pelotas, IF-Sul Pelotas, SEBRAE-RS, SESC - Pelotas, *Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo* e Clube Caixeiral, entre outros.

A Prefeitura Municipal é responsável por reunir todas essas ações e dispor de tabladros e tendas com a estrutura necessária para cada ação. Desde sua criação, o **Dia do Patrimônio** comemorou sua história com uma série de seis cartões postais, por edição, alusivos ao seu patrimônio. São produzidas ainda revistas, com tiragem de 8 mil exemplares, e 30 mil jornais, com distribuição gratuita, sendo esse último encartado nos dois jornais diários da cidade. Assim como em 2015, em 2016 o **Dia do Patrimônio** ganhou uma comissão integrada com a Secretaria Municipal de Educação e Desporto para desenvolver as atividades exclusivas da rede pública de ensino. A ideia é produzir um olhar crítico dessas crianças e adolescentes acerca do Patrimônio pelotense.



Durante esses dias, tanto a população local como das cidades vizinhas vivem intensamente a programação cultural e, intrinsecamente, o entendimento de Patrimônio enquanto manifestação que une passado, presente e futuro, como forma de valorização da identidade cultural. Entre as ações desenvolvidas constam, ainda, atividades educativas na rede pública de ensino, para a divulgação da história da cidade, apropriação dos espaços públicos, com atividades culturais ao ar livre e em prédios históricos públicos e privados. Importante destacar que a grande maioria das atividades é gratuita e aberta à comunidade.

Nos últimos anos, a festa do **Dia do Patrimônio** celebrou suas raízes africanas, a água como um dos patrimônios de uma Pelotas que se orgulha de ser banhada pela Lagoa dos Patos e, mais recentemente, a valorização da condição feminina e suas conquistas na sociedade. Os temas tratados nos últimos anos foram: *O que é patrimônio?*, em 2013; *Herança Cultural Africana*, em 2014; *Pelotas natural: Patrimônio das Águas*, em 2015; e *Ocupação Feminina*, em 2016.

Desde 2014 foram adicionadas ao evento as *Conversas do Patrimônio* que, com pelo menos dois meses de antecedência, acontecem em um final de tarde por semana, para que um palestrante aborde um aspecto sobre o tema escolhido. Igualmente importante são o jornal e a revista do **Dia do Patrimônio**, com temas peculiares aos diversos aspectos tratados pelo patrimônio em âmbito local, servindo de conteúdo educativo.



Em 2015, o dia anterior ao **Dia do Patrimônio** foi dedicado às escolas municipais da zona rural e dos balneários. Os alunos tiveram seus deslocamentos subsidiados para realizar um *Circuito Patrimonial* pelo centro histórico do município.


A cada ano, a celebração passa a ganhar matizes a partir da escolha do tema. Divididos em comissões e, após definição da temática, um grupo fica responsável pela escolha dos profissionais convidados para palestrar nas *Conversas do Dia do Patrimônio*, como forma de ir conduzindo a comunidade pelas diversos aspectos do tema.

Outra comissão fica responsável por estimular a participação de artistas, produtores, professores e instituições, bem como distribuir as atividades propostas nos espaços e prédios públicos. Uma terceira comissão é responsável por fomentar a inscrição e capacitar os jovens estudantes universitários de cursos afins, que serão os *Agentes do Patrimônio*. Em reuniões semanais, o grande grupo decide quais serão os seis elementos dos cartões postais, além dos temas a serem produzidos em textos que veicularão na revista e no jornal do **Dia do Patrimônio**, e outros materiais, como folders.



Griô é uma forma aportuguesada do francês *griot*. Refere-se a indivíduos que tinham o compromisso de preservar e transmitir histórias, fatos históricos e os conhecimentos e as canções de seu povo. Existem os griôs músicos e os griôs contadores de histórias. Eles ensinavam a arte, o conhecimento de plantas, tradições, histórias e davam conselhos aos jovens príncipes. Vivem hoje em muitos lugares da África, como Mali, Gâmbia, Guiné e Senegal.





O projeto atrai além de
estudantes pessoas de
diferentes locais, já que se trata
de um curso de extensão aberto
à comunidade.

A stylized illustration on the left side of the page. It features a large yellow sun in the upper left corner. Below it are several houses with blue walls and red roofs. The houses are simplified geometric shapes. A large yellow arrow points from the bottom left towards the right, partially overlapping the houses and the text area.

Roteiros Geo-turísticos

Conhecendo o Centro Histórico de Belém, Pará



Em passeios a pé, é possível descobrir uma paisagem italiana, outra portuguesa bem ao lado daquela paisagem francesa e os detalhes da arquitetura do período *Belle Époque*. E mais: em um passeio de barco, todos estes estilos encontram-se inseridos em uma paisagem amazônica, com sua floresta e seus rios. Estes são apenas alguns dos cenários escolhidos pelo projeto **Roteiros Geoturísticos, conhecendo o Centro Histórico de Belém**, em execução há seis anos.

O projeto funciona como curso de extensão na Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará (UFPA). É gratuito, recebe estudantes, e se propõe a realizar oficinas e

transmitir conhecimentos históricos e geográficos sobre a capital do Pará, para qualquer pessoa ou morador de Belém que tiver interesse em conhecer sua própria história, saberes e até aromas.

A proposta inicial é pesquisar e traçar roteiros que valorizam a memória socioespacial e patrimonial da cidade. Além de atrair estudantes e de apresentar à comunidade científica alguns caminhos para estudos, o projeto tem se destacado por despertar uma maior consciência de cidadania. Principalmente, porque revela novos olhares para a cidade, como a Casa das Onze Janelas, o Palácio do Governo e outras obras primas do arquiteto italiano Antônio José Landi, que chegou em Belém em 1753.

PATRIMÔNIO CULTURAL MAPEADO

Sob a liderança da professora Maria Goretti da Costa Tavares, os roteiros procuram fazer uma abordagem multidisciplinar e retomam as explicações referentes à construção dos monumentos, das tradições e acontecimentos histórico-culturais que marcaram a formação da cidade de Belém. Com isso, vão além das informações típicas dos guias e manuais de turismo, nos quais o conhecimento sobre o patrimônio e a valorização espacial que ele pode inferir sobre o lugar são pouco tratados.

Os integrantes do grupo de voluntários, estudantes e pesquisadores, primeiramente, realizam o mapeamento do futuro roteiro, entrevistam pessoas, buscam os saberes locais e descobrem curiosidades que passam por uma criteriosa avaliação. Em seguida, o roteiro é testado e a comunidade é chamada a participar de oficinas. Só depois de aprovado é implantado.

O cuidado com a metodologia de criação desses roteiros começa com o recolhimento de informações histórico-geográficas dos patrimônios considerados pelo grupo de Geografia do Turismo da Faculdade de Geografia (GGEOTUR), de relevância na formação socioespacial de Belém. A partir do tratamento dessas informações, a análise é feita por meio do uso de literatura da geografia do turismo, história, caracterização e importância do patrimônio e história da cidade. Em seguida, são realizados roteiros-teste com o objetivo de relacionar o conteúdo das falas com o tempo que um participante deve destinar a cada parada. Feitos os devidos reparos, os roteiros são publicados nas redes sociais. Há uma ficha de avaliação que permite ao participante opinar sobre a qualidade do trabalho.



Da mesma forma, este instrumento serve para mensurar a quantidade de pessoas participantes e se elas retornariam aos roteiros em outras oportunidades. Pela notável simbiose entre cultura, patrimônio e geografia do lugar que se consegue com essa abordagem, o projeto **Roteiros Geo-turísticos, conhecendo o Centro Histórico de Belém** termina por mostrar aos participantes como o patrimônio é uma forma de demarcar o território por meio de um valor que lhe é atribuído.

Uma das metas do projeto tem sido a de implementar ações voltadas para as práticas de turismo histórico, cultural e patrimonial, especificamente no bairro da Cidade Velha, por parte da sociedade local, dos turistas e da comunidade acadêmica. Também é possível caracterizar periodicamente o processo de ocupação espacial da cidade, delimitando aspectos sociais, políticos e econômicos, que marcam os diversos períodos históricos. É possível, ainda,

contribuir para o reconhecimento e a valorização das práticas turísticas alternativas que insiram o Patrimônio Cultural no que se refere aos profissionais que elaboram as políticas de turismo local, estadual e nacional. Outro aspecto interessante é que, durante a elaboração dos roteiros, os moradores refletem sobre questões pontuais dos bairros como, por exemplo, a coleta de lixo e a necessidade de uma melhor organização local.

Na parte didática, a proposta tem sido assegurar as metas previstas no projeto político pedagógico do curso de geografia da UFPA, especificamente no que se refere às disciplinas Geografia da Amazônia, Geografia do Pará e Cartografia aplicada ao Turismo. Isto ocorre naturalmente no projeto por meio do desenvolvimento de ações educativas das práticas interdisciplinares de conhecimento.

Outra singularidade do projeto **Roteiros Geo-turísticos, conhecendo o Centro Histórico de Belém** está na metodologia que, afinal, atrai pessoas de diferentes locais, já que se trata de um curso de extensão aberto à comunidade e, portanto, gratuito. Antes de traçar o roteiro, o grupo realiza entrevistas não-diretivas com os agentes sociais presentes no bairro, associação de moradores e representantes do Fórum Landi (UFPA). A sensibilização e integração das comunidades localizadas no centro histórico ocorrem pela realização de reuniões e oficinas para apresentar o projeto, discutir o desenvolvimento das atividades e eleger formas da participação. Finalmente, são elaborados roteiros geo-turísticos a partir das informações sistematizadas.

A construção dos roteiros alternativos deve conter, necessariamente, aspectos que são poucos visualizados e visados pelos turistas convencionais, mas que têm grande valor simbólico-cultural para a história do bairro Cidade Velha e de Belém. No caso do roteiro do centro histórico, foram feitos mapas temáticos, com base em um mapa da Cidade Velha.

Os **Roteiros Geo-turísticos, conhecendo o Centro Histórico de Belém** (a pé e fluvial) são direcionados para os turistas e sociedade local, profissionais da área, estudantes, planejadores e empresários do turismo.

Desse modo, a cada ano, novos roteiros foram incorporados pela equipe e passaram a fazer parte do projeto. Há a continuação das atividades, com financiamento pela PROEX-UFPA e o Grupo de Geografia do Turismo da UFPA, que efetiva as atividades em dois bairros do Centro Histórico. As atividades de pesquisa sobre a área também continuam com financiamento de dois bolsistas via CNPq.

“A participação de alunos do ensino superior, fundamental e até da pós-graduação, e o interesse dos moradores da cidade de Belém só refletem a importância desta valorização e resgate patrimonial. A reação sobretudo dos moradores, tem sido muito positiva nestes quase seis anos de trabalho” diz a professora Goretti Tavares.







Com divulgação, basicamente, pelas redes sociais ou em rádios e emissoras locais o projeto **Roteiros Geo-turísticos, conhecendo o Centro Histórico de Belém** reúne em cada visita uma média de 50 a 100 pessoas, entre estudantes do ensino médio e universitários, voluntários, professores e cidadãos de profissões diferentes. Nos seis anos de trabalho, cinco mil pessoas percorreram os roteiros a pé, em caminhadas de três horas e meia e, segundo Goretti Tavares, são moradores da cidade de Belém interessados em conhecer melhor a cidade.

O projeto **Roteiros Geo-turísticos, conhecendo o Centro Histórico de Belém** foi lançado em 2011. Desde então, foram implantados os seguintes roteiros:

1 *Cidade Velha – Conhecendo o centro histórico de Belém*, em que se caminha pelo mais antigo bairro da cidade, conhecendo suas primeiras ruas e edificações.

2 *Ver-o-Peso ao Porto – Percorrendo e revelando as paisagens no centro histórico de Belém*, que apresenta o complexo arquitetônico e paisagístico do Mercado Ver-o-Peso, consagrado como o maior cartão-postal de Belém, e suas adjacências.

3 *Da Belle Époque – Percorrendo e revelando paisagens da Belle Époque na cidade de Belém*, que revela como a cidade viveu o período de maior dinamização econômica na Amazônia durante o ciclo da borracha.

4 *Percorrendo e revelando paisagens no centro histórico de Belém*, que mostra a dinâmica comercial da cidade.

5 *Percorrendo e revelando paisagens do Reduto*, o bairro industrial da Belém da borracha, com caminhada pelo bairro de formação industrial, onde hoje se encontram diversos estabelecimentos ligados ao lazer e à gastronomia, além de vilas e prédios residenciais.

6 *Pela Estrada de Nazaré*, quando se caminha pelas Avenidas Magalhães Barata e Nazaré, mostrando sua importância cultural e estratégica para a expansão urbana de Belém.

7 *O Arquiteto Antônio Landi e a Belém do Século XVIII – Percorrendo e reconhecendo paisagens no centro histórico de Belém*, que apresenta obras projetadas por Landi e sua importância na construção da Belém do Século XVIII.

O projeto também tem roteiros fora de Belém, na vila de Icoaracy (distrito de Belém) e nas cidades de Cametá, Vigia, Altamira, Ponta de Pedras e Marabá, com um total de aproximadamente 50 roteiros já realizados.

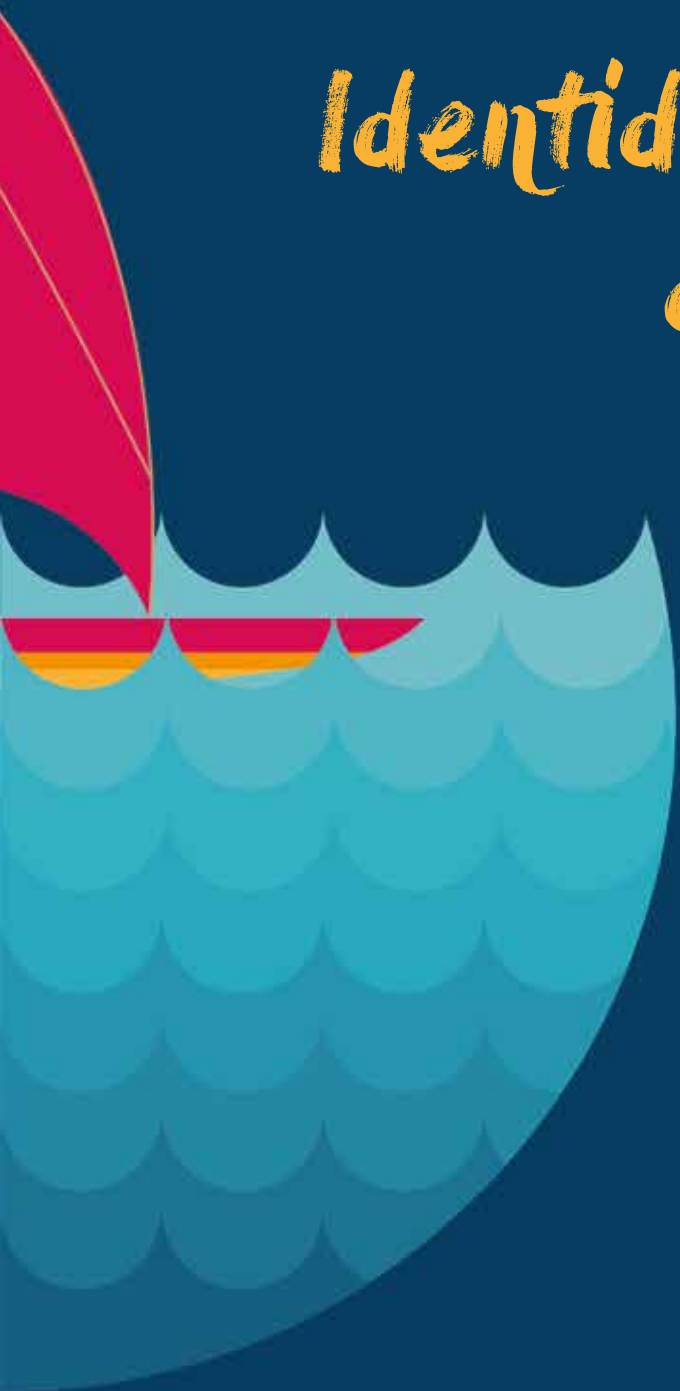


Diálogo entre gerações
fortalece Patrimônio Cultural de
Matarandiba (BA)



Identidade e Memória do Povo do Mar

Bahia





Ameaçado de cair no esquecimento, o resgate do *Auto do Zé de Vale*, teatro popular e um dos mais tradicionais na região, fortaleceu a identidade do povo de Matarandiba, elevando sua autoestima, valorizando e reconhecendo seus costumes, saberes e fazeres locais, o que levou à apropriação da cultura pelas crianças e jovens da comunidade.

O projeto **Identidade e Memória do Povo do Mar**, da Associação Sócio Cultural de Matarandiba (Ascomat), procura resgatar o rico acervo de manifestações culturais que se tornaram símbolo e reflexo da formação dos povos tradicionais do mar e suas territorialidades. Desde que começou a ser executado, o projeto tornou-se responsável pelo reavivamento da memória de importantes manifestações culturais da Ilha de Matarandiba, uma das 52 ilhas da Baía de Todos os Santos, situada à contracosta da Ilha de Itaparica, no recôncavo do estado da Bahia.

Embora seja pequena no tamanho e na população, que não chega a mil habitantes, Matarandiba é uma gigante quando se trata de manifestações culturais. No ano de 2008, a partir de um importante processo de organização comunitária que resultou na criação da Ascomat, iniciou-se um grande trabalho de valorização e sistematização das tradições na comunidade. Desde então, diversas manifestações, dentre elas o *Auto do Zé de Vale*, o *Terno das Flores* e *São Gonçalo* foram resgatadas e apoiadas, com o reconhecimento de sua importância como patrimônio do local. O resultado foi o fortalecimento da memória da comunidade, em um riquíssimo processo de agregação e diálogo de gerações.

Identidade e história

Em 2011, depois de 53 anos, a história do *Zé de Vale* foi novamente mostrada ao público. Trata-se de uma apresentação teatral cantada, que narra a história de *Zé do Vale*, um rapaz valentão, criminoso, um fora da lei, que cometeu vários crimes no sertão e, por isso, foi preso. O enredo se desdobra a partir das tentativas da mãe do rapaz, uma senhora de posses, de tirar o filho da prisão. Durante mais de cinco décadas a história do *Zé de Vale* vivia somente na lembrança de algumas senhoras, como a Dona Angelina, a Dona Ubaldina (Tia Dina) e a Dona Detinha. Vez por outra elas narravam essa e outras lembranças que as acompanharam por toda a vida.

Assim, contando aqui e ali suas recordações, essas senhoras e outros idosos foram de extrema importância no resgate da memória de Matarandiba, agora parte do projeto **Identidade e Memória do Povo do Mar**, uma ação que trata do processo de valorização, resgate e salvaguarda das manifestações culturais e da memória da ilha. Muito especial nesse processo foi a Dona Angelina, de 75 anos, que de modo impressionante, ainda se recordava da encenação, pois, como eram frases cantadas e rimadas, sua memória conservou as falas. Mesmo não fazendo parte do elenco nos tempos em que era ainda bem criança, Dona Angelina era uma assídua espectadora do Auto do *Zé de Vale*.



Pelas recordações dela e de outras pessoas, o projeto **Identidade e Memória do Povo do Mar** iniciou um processo de sistematização das falas, de rememoração do cenário que era utilizado, do figurino, das expressões usuais e de tudo aquilo que permaneceu preservado por décadas na memória de alguns e ausente do cotidiano de todos. Hoje, o *Auto Zé de Vale* se apresenta anualmente no período dos festejos populares da comunidade e já foi tema de programas de TV, artigos, dissertações e de admiração de muitas pessoas. Além disso, há também o *Zé de Vale Mirim*, auto no qual os pequenos encenam exatamente aquilo que os adultos fazem e se apresentam na comunidade e em eventos de outras localidades quando são convidados.

A experiência do resgate do *Auto do Zé de Vale* foi primordial para o aprendizado e a definição da metodologia da Ascomat para a valorização das outras manifestações da comunidade, sobretudo com relação a dois aspectos estruturantes da ação: o resgate/preservação da memória e o diálogo intergeracional. Seguindo o mesmo processo, foram retomados o *Terno das Flores* (após 27 anos) e *Presente dos pescadores para Yemanjá* (após período de realização intermitente). A iniciativa ajudou também as manifestações que continuavam acontecendo, mas que foram melhor organizadas: *Boi Janeiro*, *São Gonçalo*, *Festa do Santo Amaro*, *Corrida de Canoas*, *Aruê*, *Lavagem do Cruzeiro*, como também a fundação do *Samba de Roda Voa Voa Maria* e do samba mirim *Os Filhos de Maria*, entre outras. As ações mobilizaram a comunidade, em reuniões, nas atividades de lembrança, ensaios, organização de grupos, nas rifas e bingos para a captação de recursos.

A Ascomat é formada por 150 sócios que são, em geral, pescadores e marisqueiras da comunidade. Tem a sua estrutura organizacional composta pela diretoria, pelos agentes de leitura e memória e pelos grupos das manifestações culturais. A sua estrutura visa uma horizontalidade e participação dos associados dentro dos princípios da autogestão. A associação é um dos integrantes da Rede Local

de Economia Solidária e Cultura, que é realizada com a parceria da Incubadora de Economia Solidária da Universidade Federal da Bahia (ITES-UFBA) e a Dow Brasil, que, entre outros pontos positivos, permitiu a criação de diversos empreendimentos solidários, como o *Banco Comunitário Ilhamar* (que criou a moeda local da comunidade de Matarandiba, a *Concha C\$*), a Rádio Comunitária *A Voz da Terra*, a Padaria Comunitária *Sonho Real* e o Grupo de *Horta Agroecológica*.

As ações da rede de economia solidária e cultura visam o fortalecimento da identidade do povo de Matarandiba, a elevação da autoestima da comunidade, a valorização e o reconhecimento dos costumes, saberes e fazeres locais, a apropriação da cultura local pelas crianças e jovens da comunidade. Até agora, foram resgatadas três manifestações, organizados e estruturados seis grupos culturais adultos e quatro grupos culturais mirins.

Adenildes Leal, uma das fundadoras e atual presidente da Ascomat, explica que era muito comum as pessoas mais idosas da ilha conversarem sobre os costumes antigos, quando narravam importantes aspectos culturais de Matarandiba. Nessas conversas, ficava claro que não se viam mais muitos costumes, hábitos e festejos. Percebendo a grandiosidade e a riqueza dessas histórias, além de incentivar mais conversas, os diálogos passaram a ser gravados e sistematizados. Com a fundação da Ascomat, a partir de um desejo da comunidade em ser representada juridicamente, participar de editais e fortalecer os laços comunitários, foram definidos sete grupos de trabalho – um para cada manifestação cultural – que ficaram responsáveis pela organização, planejamento e realização de apresentações, retomando os antigos costumes.



A Associação criou também dois empreendimentos culturais que fazem parte da Rede Local: o *Ponto de Leitura Tia Dazinha* e o *Ponto de Memória Tia Dina*, que desenvolve atividades voltadas para o resgate da memória social do Patrimônio Cultural com um pequeno museu reunindo peças, vestimentas, fotografias, utensílios e objetos antigos doados pelos moradores. O *Ponto de Memória Tia Dina* por meio das *Rodas de Lembranças*, cuida das pessoas, da história do lugar, das cantigas, dos fatos, dos costumes, fortalecendo o diálogo e realimentando a memória da comunidade. Outra grande conquista foi a formação dos grupos mirins *Samba de Roda*, *Zé de Vale Mirim*, *Boi Mirim* e *Terno Mirim*. As crianças de Matarandiba também estão incluídas nessa vivência com a cultura local. Elas não só assistem às apresentações, mas participam de ensaios e ouvem as músicas enquanto brincam na praia, quando as mães mariscam ou quando os pescadores tocam instrumentos de som em dias de folga.



O projeto **Identidade e Memória do Povo do Mar** já colhe alguns frutos:

- A criação da Ascomat – contemplada como Ponto de Cultura do *Programa Cultura Viva*, do Ministério da Cultura (MinC);
- A criação do *Ponto de Memória de Matarandiba* e do *Ponto de Leitura de Matarandiba*;
- A construção de um calendário anual de apresentação das manifestações;
- A realização do *I Encontro de Samba de Roda da Ilha de Itaparica*;
- A criação do *Programa Hora da Cultura*, na Rádio Comunitária de Matarandiba.

Isso tudo sem falar na participação em eventos e redes estaduais e nacionais de cultura e nos intercâmbios com museus e centros culturais.

Traduzido em números:

- Três manifestações resgatadas após décadas;
- Seis grupos culturais organizados e estruturados;
- Quatro grupos culturais mirins criados e organizados;
- Apoio à realização de quatro festejos tradicionais da comunidade.



“Tudo isso é nosso, inclusive a
responsabilidade de cuidar!”





Pescando Memórias

Sergipe



O projeto **Pescando Memórias** tornou possível a um povoado do interior de Sergipe, de apenas duas ruas e cerca de 350 pessoas, encontrar em sua própria história uma porta de saída para se desenvolver. Desde o início do projeto, além de peixes e crustáceos, o povoado de São Brás passou também a pescar a memória do lugar com a participação da juventude local. Foi trilhando esse caminho que o povoado mudou em menos de cinco anos.

Distante cerca de 25 quilômetros de Aracaju, São Brás abriga há anos uma comunidade de pescadores artesanais. Eles viam o desenvolvimento avançar nas cidades próximas, mas sentiam que continuavam abandonados pelo poder público. A grande pergunta era: como sair do esquecimento e mostrar a todos que aquele lugar tinha uma importância na região? Como fixar os jovens no local sem que eles saíssem em busca de trabalho ou ficassem por ali vulneráveis às drogas e a outros problemas? Afinal, aquela antiga fazenda que um dia se transformou em povoado sempre reuniu trabalhadores honrados, a maioria pescadores responsáveis pelo abastecimento diário de mariscos e pescados para o Mercado Municipal de Aracaju.

PESCANDO CIDADANIA

Em 2012, visando resgatar a memória de São Brás, o jovem Givanilson Santana pôs em prática seu projeto, com a ajuda da historiadora Isabela Bispo e de estudantes do curso de História da Universidade Tiradentes, em Aracaju. Fotos de pessoas que ajudaram a fundar o povoado e textos sobre as tradições da pesca e da religiosidade passaram a ser divulgados de diversas formas, até mesmo em banners.

Em pouco menos de cinco anos a paisagem de São Brás se transformou. Está diferente da que foi vista naquele tempo. Hoje a comunidade respira aliviada. Transformou-se em um balneário turístico. A festa anual do povoado, quando se comemora São Brás, em fevereiro, atrai gente de todo o estado de Sergipe. A comunidade tem ruas calçadas, uma escola municipal e outra de segundo grau. Os jovens dispõem de acesso à internet por wi-fi

gratuito na praça. Outra peculiaridade é que, embora seja um pequeno povoado, há anos São Brás convive em harmonia com três templos religiosos: um católico, um evangélico e uma casa de candomblé. “Tudo isso é nosso, inclusive a responsabilidade de cuidar”, concluíram Givanilson e Isabela.

**“Tudo isso é
nosso, inclusive a
responsabilidade
de cuidar.”**

Mas as coisas nem sempre foram assim. Givanilson conta que, quando criança, sofria ao atravessar de barco o rio do Sal para ir e voltar da escola, todos os dias. Os colegas diziam que ele vivia na lama e o chamavam de *Aratu* (caranguejo). Isto porque, naquela época, São Brás era ainda um povoado onde não havia escola, o acesso era feito apenas por barcos e as crianças tinham de atravessar o rio todos os dias para chegar até a cidade mais próxima, o município de Nossa Senhora do Socorro.



No trajeto diário, Givanilson pensava em como mudar aquela situação e mostrar para os colegas que ele morava em um lugar lindo, preservado e rico em peixes, mariscos e camarões, que abasteciam o mercado em Aracaju. Foi por causa desse cotidiano difícil que Givanilson teve a ideia, depois de adulto, de resgatar a memória do lugar, levantando, assim, a autoestima dos pescadores artesanais, das mulheres marisqueiras e das crianças. “Antes, era necessário tirar os sapatos para atravessar o rio até chegar à escola. Na mochila, os estudantes carregavam as roupas para trocar, todos os dias”, lembra Isabela que, depois de se formar em História, iniciou um trabalho de resgate da memória de São Brás ao lado de Givanilson e dos garotos da comunidade, a maioria estudantes entre 14 e 25 anos. “Para atrair os jovens, iniciamos treinamentos e oficinas de capoeira, maculelê, cursos de artesanato e outras atividades”, conta Isabela.

Em 2012, o recém-criado **Pescando Memórias** foi premiado no *I Edital de Oficinas Culturais da Secretaria de Cultura do estado de Sergipe*. Em 2013, desenvolveu atividades de identificação cultural com os jovens ribeirinhos, realizando a primeira etapa do projeto, que consistia na busca do histórico cultural do lugar.

Além das oficinas de reciclagem, foi criada a exposição *História e Cultura do Povoado de São Brás*, com a museóloga Vera Helem. Ela organizou palestras e oficinas para os jovens ribeirinhos. A exposição com a trajetória histórica foi recriada no ano seguinte, em parceria com os alunos do curso de História da turma 2011/2012 da Universidade Tiradentes, e lançada no shopping do município de Nossa Senhora do Socorro, aquela cidade mais próxima de São Brás, para onde as crianças e jovens tinham que ir para estudar.



No ano seguinte, o projeto foi premiado pelo Ministério da Cultura com o *Prêmio Comunica Diversidade Jovem*, que selecionou 25 jovens em todo Brasil por utilizarem a comunicação para divulgar a sua cultura. Em 2015, durante a segunda etapa do projeto, a de *Inclusão Digital/Dialogando com o mundo*, os moradores passaram a contar com wi-fi gratuito na praça de São Brás.

Logo, eles pescaram mais um prêmio. Na terceira etapa, o projeto recebeu o *Prêmio Cultura Hip Hop*, também do Ministério da Cultura. Esta foi a única iniciativa premiada em Sergipe por desenvolver e preservar a cultura local e a cultura hip hop. Desta vez, chamado de *Pescando Memórias Arte de Rua*, teve como objetivo apoiar, estimular e difundir as formas contemporâneas de expressão dos jovens ribeirinhos. A iniciativa contribuiu para superar a resistência dos mais antigos em relação aos mais jovens, que usaram o grafite como arte, para lembrar as tradições, costumes e crenças do local, em um dia de atividades culturais e esportivas.

Pescando Memórias em Ação, a quarta etapa do projeto, foi de novo realizada em parceria com a Universidade Tiradentes. Levou até São Brás a Caravana do Meio Ambiente, com atendimentos gratuitos voltados à saúde e bem-estar dos ribeirinhos.



Já em 2015 **Pescando Memórias** realizou cursos de atendimento ao cliente para os donos de bares e restaurantes de São Brás. Criou propostas arquitetônicas para reforma das fachadas dos estabelecimentos comerciais, dando início à quinta etapa do projeto, *Turismo e Economia*.

Em 2016, com o apoio do Iphan, das Secretarias de Cultura e de Educação do estado de Sergipe e da TV Sergipe, foi realizada a ação *Dialogando com Sergipe*, que se centrou na arte do grafite, na exposição *História e Cultura do Povoado de São Brás*, em apresentações culturais e rodas de conversa sobre Educação Patrimonial, com o tema: *É tudo nosso, inclusive a responsabilidade de cuidar*. Desta forma, os jovens do projeto levaram o seu trabalho a outras comunidades, em um intercâmbio de paz, conscientização e cidadania.

Givanilson e Isabela, sonham com mais uma parte da quinta etapa do **Pescando Memórias**. Eles esperam contribuir para o pleno exercício da cidadania, com as ações que serão realizadas, como oficinas, seminários, encontros e mostras de artes visuais. A intenção é dar maior visibilidade e sustentabilidade à cultura tradicional ribeirinha, em um processo de busca histórico-cultural, de inclusão social, inclusão digital, formação e qualificação. Pretendem, ainda, promover a integração de outras comunidades na luta pela aceitação das diferenças regionais, permitindo, assim, a difusão da diversidade cultural e o respeito a outros tipos de cultura na preservação do patrimônio público e do equilíbrio social.



Na igreja, uma imagem de São Brás trazida da Itália pelo antigo administrador da então fazenda Cabralia, o seu Dioclídio. Ele tinha um filho com problemas na garganta e fez uma promessa a São Brás. A imagem é a principal atração da festa do povoado, que acontece anualmente no mês de fevereiro. São Brás ficou conhecido porque retirou com a mão um espinho da garganta de uma criança. Por esse motivo, é padroeiro das doenças da garganta e, no dia de sua celebração, 3 de fevereiro, nas cidades da Espanha, Campanário (Ribeira Brava) e algumas da América Latina, as mães levam os filhos para benzerem a garganta. São Brás foi capturado pelos romanos e decapitado no ano 316, sendo enterrado na cidade de Sebaste, na Armênia.



O Povoado de São Brás destaca-se por ser uma vila de pescadores, com cerca de 350 moradores, com uma média cinco pessoas por residência. O índice de violência é baixo. Foram contabilizados apenas três homicídios em 20 anos, praticados por moradores circunvizinhos. Os principais índices de morte são por causas naturais e a estimativa de vida é de 70 anos. A média da renda familiar é de um salário mínimo, obtido com a pesca e a ajuda do governo. Em alguns casos são trabalhadores da construção civil e do comércio.

No povoado, o modo de vida tradicional expressa a relação de crianças e jovens com a natureza, e sua vida cotidiana segue um ritmo próprio. Configura-se como uma comunidade tradicional, que não atrai os jovens. Muitos não assumem as suas tradições como identidade cultural, procuram em outras localidades o que julgam ser melhor nos dias de hoje. Talvez para eles o povoado já não seja tão atrativo como para seus pais e avós, que viveram e vivem seus laços passados e presentes de forma única. Os jovens enxergam poucas possibilidades dentro da comunidade. A cultura regional estava fragilizada, apesar dos mais variados elementos que compõem a história local, como a Igreja Matriz no estilo barroco, tombada pelo Iphan, os pratos típicos, o folclore, o reisado, o maculelê, o samba de coco, a pesca e o cultivo de crustáceos. Este é o motivo de o projeto **Pescando Memórias** ser executado no povoado de São Brás, para fortalecer os laços presentes com o passado e as tradições, incentivando, também, o desenvolvimento sustentável e disseminando informação aos jovens da localidade.

No ritmo do Samba

Em 1962, durante o 1º Congresso Nacional do Samba do Rio de Janeiro, em sua Carta do Samba, o etnólogo, folclorista, historiador Edison Carneiro recomendava “medidas práticas e de fácil execução para preservar as características tradicionais do samba sem lhe negar ou tirar espontaneidade”. Publicado há 44 anos, esse documento imprimiu novo ritmo no cuidado com o Patrimônio Cultural e extrapola o seu objeto – o samba carioca, pois aplica-se também à diversidade da cultura nacional. O **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade** põe em prática as medidas sugeridas nesta histórica carta. Mais do que premiar, integra as iniciativas que ocorrem em todo o Brasil – umas mais singelas, outras de maior vulto – todas dedicadas à promoção, à preservação, à valorização e ao resgate de técnicas, conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano do povo brasileiro, nos mais recônditos pontos desse país continental.

É com muita alegria que participo da realização desta edição do **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade**, em Salvador. Antes de ganhar o mundo, foi nesta cidade que Edison Carneiro cresceu numa grande casa que acolhia amigos de juventude para debates e reuniões sobre literatura e questões político-sociais. Seu interesse pelos cultos afrobrasileiros, o folclore e a cultura popular nasceu nestes encontros. Soma-se a isso a homenagem especial desta edição do Prêmio ao Samba de Roda do Recôncavo Baiano, Patrimônio Cultural do Brasil e da Humanidade. Essa é uma expressão musical, coreográfica, poética e festiva das mais importantes e significativas da cultura brasileira, que exerceu influência no samba carioca e, até hoje, é uma das referências do samba nacional.

Recentemente, durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio de Janeiro, tivemos a oportunidade de mostrar ao mundo a diversidade e a riqueza de nosso campo simbólico e de todas as linguagens que compõem nosso arcabouço artístico-cultural. A programação cultural da Olimpíada e da Paralimpíada mostrou ao mundo um Brasil que se orgulha e exalta sua identidade. Do funk à embolada, do maracatu à bossa nova, o planeta apreciou a riqueza de nossa diversidade.

A ideia de percorrer vários estados a cada entrega do **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade**, uma iniciativa que o Iphan coloca em prática a partir deste ano, traduz também uma política cada vez mais abrangente na busca de nossas raízes e, principalmente, de nossos parceiros. O intuito não é apenas divulgar e estabelecer um diálogo entre as comunidades, mas também replicar projetos exitosos na busca de um desenvolvimento sustentável, com maior participação da sociedade civil e de outras instâncias do poder público.

Assim, se tenho reafirmado que a atual gestão do Ministério da Cultura pretende fazer dele um ministério de entregas concretas, de resultados, é importante enfatizar que o Iphan, neste nosso propósito, é um parceiro imprescindível. E o **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade** é um projeto consolidado de uma iniciativa mais do que exitosa. O que pretendemos é posicionar a Cultura como eixo estratégico de desenvolvimento do Brasil e agente efetivo de inclusão cidadã. É urgente, de igual forma, a tarefa de reconectar o Ministério à sociedade como um todo e, mais do que isso, resgatar a dimensão simbólica da Cultura no coração dos brasileiros.

Sem sombra de dúvida, a produção cultural é o mais importante de nossos ativos, capaz de criar um conjunto de percepções que nos fortalecem enquanto povo e que permite uma inserção competitiva no mundo.

Marcelo Calero

Ministro da Cultura

Revelando práticas e tradições, Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade preserva a identidade cultural brasileira

Na imensidão territorial do Brasil existem inúmeras tradições e manifestações culturais, as quais constroem e preservam as características excepcionais de seu povo. Revelar e valorizar essa diversidade é trazer à tona não somente sua simbologia enquanto arte, mas reconhecer essencialmente a importância dessas expressões como fonte renovadora da cultura. Nesse contexto, o **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade** atua desde 1987 como promotor das iniciativas que preservam a identidade, as práticas e as memórias de grupos sociais, muitos deles inalcançados pelas políticas públicas e afastados do conhecimento popular.

Em suas primeiras edições, o **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade**, assim denominado em homenagem ao primeiro diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que dirigiu a instituição por 30 anos (de 1937 a 1967), refletia o momento de estruturação do Instituto, prestando reconhecimento aos próprios funcionários ou a nomes que, de alguma maneira, eram conhecidos por uma atuação no campo do Patrimônio Cultural.

Ao longo dos anos, a premiação foi se aperfeiçoando e estabelecendo novas propostas, refletindo o envolvimento da sociedade civil na busca pela salvaguarda e promoção do Patrimônio Cultural. Foi a partir de 1995 que o **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade** passou a ser um edital público, aberto às iniciativas da sociedade civil e entidades públicas e privadas. Atualmente, em sua 29ª edição, segue destacando a diversidade e a riqueza do Patrimônio Cultural, com a missão de renovar-se e adaptar-se às transformações que abrangem o conceito de bem cultural no Brasil.

Neste ano, oito trabalhos representativos de ações preservacionistas relativas ao Patrimônio Cultural foram contemplados em duas categorias:

Categoria I - Iniciativas de excelência em técnicas de preservação e salvaguarda do Patrimônio Cultural. Visa valorizar e promover iniciativas de excelência em preservação e salvaguarda, envolvendo identificação, reconhecimento e salvaguarda; pesquisas; projetos, obras e medidas de conservação e restauro.

Ações premiadas:

XXII Festival de Bumba Meu Boi de Zabumba – Maranhão (MA)

Som dos Sinos – Minas Gerais (MG)

Mestres do Fogo – Sergipe (SE)

Memória do Circo – São Paulo (SP)

Categoria II - Iniciativas de excelência em promoção e gestão compartilhada do Patrimônio Cultural. Visa valorizar e promover iniciativas referenciais que demonstrem o compromisso e a responsabilidade compartilhada para com a preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro, envolvendo todos os campos da preservação, oriundas do setor público, do setor privado e das comunidades.

Ações premiadas:

Identidade e Memória do Povo do Mar – Bahia (BA)

Roteiros Geo-turísticos – Conhecendo o Centro Histórico de Belém – Pará (PA)

Dia do Patrimônio – Rio Grande do Sul (RS)

Pescando Memórias – Sergipe (SE)

Comissão Nacional de Avaliação: Descobrimos o Patrimônio Cultural

Nessas transformações pelas quais o **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade** passava, uma série de novidades foi surgindo. Para garantir a renovação e abrangência ao concurso, foi criada em 1995, a Comissão Nacional de Avaliação. Composta por representantes com formações plurais que dialogam com a temática da preservação patrimonial, os avaliadores convidados são envolvidos com a produção de conhecimento, com a salvaguarda e proteção dos bens culturais e, principalmente, dispostos a participar das trocas culturais proporcionadas pela premiação.

Em 2016, o **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade** recebeu a inscrição de 220 projetos. Entre as 60 ações finalistas, 27 foram da Categoria I e 33 da Categoria II.

Comissão Nacional de Avaliação

Marcelo Brito - Diretor do Departamento de Articulação e Fomento (DAF/Iphan) - Presidente da Comissão Nacional de Avaliação;

Ana Lúcia Abreu - Professora Adjunta do Curso de Museologia da UnB;

Ana Beatriz Goulart de Faria - Consultora do MEC no programa Mais Educação e do FNDE no programa Escolas de Educação Integral;

Ana Elizabete de Almeida Medeiros - Professora Adjunta do Departamento de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB;

Ana Maria da Costa Souza - Servidora do Ministério da Cultura desde 1987; Bacharel em Sociologia e Antropologia, com Especialização em Sociologia, pela UnB;

Briane Elisabeth Panitz Bicca - Arquiteta e urbanista pela UFRGS (1969); Especialista em planejamento do desenvolvimento UnB;

Conceição Barbosa - Coordenadora de Disseminação de informação do Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra da Fundação Cultural Palmares;

Henrique Cavalleiro - FUNAI

Leonardo Castriota - Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais, Vice-Presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (ANINTER-SH) e Presidente do Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS-BRASIL);

Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrès - Diretor do CVT-Estaleiro-Escola do Maranhão e Conselheiro do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Iphan, onde integra também a Câmara do Patrimônio Imaterial;

Maria Angela Cunico - Arquiteta com especialização em Desenvolvimento Urbano e Regional. Coordenadora Geral do Programa de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico;

Maria da Graça Nobre Mendes - Servidora pública federal do Iphan, cedida à Defensoria Pública da União (DPU), onde atua como redatora e revisora na Assessoria de Comunicação Social;

Maria das Dores Freire - Historiadora, graduada pela UFMG, em 1970. Desenvolve trabalhos de pesquisa e consultoria nas áreas de História, Memória e Patrimônio Cultural - material e imaterial - e suas diversas interfaces, atuando junto a instituições públicas e privadas;

Mônica Salmito Noleto - Graduada em Relações Internacionais pela UnB e Pós-graduada em Gerenciamento de Projetos Estratégicos. Há onze anos integra a equipe do setor de Cultura da Representação da UNESCO no Brasil;

Nanan Catalão - Antropóloga (UnB e Universidade Paris VIII); Secretária Adjunta de Cultura do Governo do Distrito Federal;

Paula Porta Santos Fernandes - Historiadora, doutora em História Social pela USP. Consultora, atua na implantação e avaliação de projetos (Patrimônio Cultural, museus, arte popular, livro e música) e na implantação de política e diretrizes de apoio à cultura para empresas e instituições;

Simone Scifoni - Docente do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP);

Tânia de Castro Bernardes Barbosa Caldeira - Especialista em Administração Financeira pela Fundação Getúlio Vargas, Graduada em Direito pela Universidade Estadual de Montes Claros (MG) e em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Brasília. Coordenadora de Fomento e Financiamento do IBRAM;

Telmo Padilha César - Presidente e Fundador da Defender e Gestor Cultural da Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos do Estado do Rio Grande do Sul.





Ritmos brasileiros dão tom à premiação

Entre baianas do acarajé, sambadeiras, mestres de capoeira, símbolos baianos reconhecidos universalmente, os ritmos brasileiros também estão presentes na 29ª edição do **Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade**, adornados pelo palco do Teatro Castro Alves - o maior e mais importante centro artístico de Salvador. Em 58 anos de história, o espaço, além de ser composto por um complexo cultural que abriga diversos eventos, também é responsável por desenvolver projetos de formação de músicos e de difusão e produção da companhia de dança oficial da Bahia.

Dona de uma voz singular, a cantora Roberta Sá, um dos ícones do samba da nova geração, encerra a festa da premiação em 2016. Além de exaltar o samba, o show da cantora abrange o repertório do seu novo CD *Delírio*, com músicas de compositores renomados, como Adriana Calcanhoto, Arnaldo Antunes, Martinho da Vila e Xande de Pilares.

Sob forte influência da música popular brasileira, antes mesmo de se tornar reconhecida nacionalmente, Roberta Sá teve a oportunidade de gravar a canção *A Vizinha do Lado*, de Dorival Caymmi, como tema de novela. Em 2004, lançou seu primeiro disco, *Braseiro* – descrito por ela como um álbum repleto de memórias afetivas, que abriu portas para sua trajetória artística e musical. O CD *Quando o Canto é a Reza* faz uma homenagem ao compositor baiano Roque Ferreira, que reverencia os ritmos do coco, maxixe, maracatu e samba de roda.



Contatos Vencedores 2016

Categoria I - Iniciativas de excelência em técnicas de preservação e salvaguarda do Patrimônio

XXII Festival de Bumba Meu Boi de Zabumba | Maranhão

Proponente: Clube de Cultura de Bumba Meu Boi de Zabumba e Tambor de Crioula do Maranhão

End.: Av. Mario Andreazza Nº20 - Pro-Morar-Liberdade
CEP: 65.037-250 | São Luís - MA
E-mail: projetofazendozabumba@gmail.com

Som dos Sinos | Minas Gerais

Proponente: Marina Thomé

End.: Rua Barão de Ipanema, 124 / 404
Bairro Copacabana
CEP: 22.050-031 | Rio de Janeiro - RJ
E-mail: marina.thome@gmail.com

Mestres do Fogo | Sergipe

Proponente: Sayonara Viana Silva

End.: Rua Beijamim Fontes, 151 Ed. San Diego aptº 704
Bairro Luzia
CEP: 49.045-110 | Aracaju - SE
E-mail: galeriasayonara@gmail.com

Memória do Circo | São Paulo

Proponente: Verônica Tamaoki

End.: Rua Dr. Ricardo Batista, 18, aptº 51
Bairro Bela Vista
CEP: 01.326-040 | São Paulo - SP
E-mail: vtamaoki@gmail.com

Categoria II - Iniciativas de excelência em promoção e gestão compartilhada do Patrimônio

Dia do Patrimônio | Rio Grande do Sul

Proponente: Prefeitura Municipal de Pelotas / Secretaria Municipal de Cultura

End.: Praça Coronel Pedro Osório, nº 02 - Centro Histórico
CEP: 96.015-010 | Pelotas - RS
E-mail: secultpel@gmail.com
diadopatrimonio.pelotas@gmail.com

Roteiros Geo-turísticos - Conhecendo o Centro Histórico de Belém | Pará

Proponente: Maria Goretti da Costa Tavares / Faculdade de Geografia - UFPA

End.: Rua Augusto Correa S/N - Bairro Guamá
CEP: 66.000-000 | Belém - PA
E-mail: mariagg29@gmail.com
goretti@ufpa.br

Identidade e Memória do Povo do Mar | Bahia

Proponente: ASCOMAT - Associação Sócio Cultural de Matarandiba

End.: Primeira Travessa do Saboeiro, nº 66-E
Bairro Saboeiro
CEP: 41.180-550 | Salvador - BA
E-mail: ascomat.ba@gmail.com
adenildes65@hotmail.com

Pescando Memórias | Sergipe

Proponente: Isabela Bispo dos Santos Santana

End.: Rua "A" nº 46 conjunto Piabeta - Bairro Taíçoca
CEP: 49.160-000 | Nossa Senhora do Socorro - SE
E-mail: isabelaaaju@hotmail.com

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SEPS Quadra 713/913 Sul, Bloco D, Edifício Iphan
Brasília - DF | 70.390-135

www.iphan.gov.br | www.facebook.com/lphanGovBr
www.twitter.com/lphanGovBr | www.instagram.com/lphanGovBr

